



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



FUNDAÇÃO GULBENKIAN, EDIFÍCIO SAUDÁVEL
ENSINO DA MATEMÁTICA: QUESTÕES E SOLUÇÕES
COMO ENVELHECER NUM MUNDO GLOBAL

ÍNDICE

ACTUALIDADE

CONFERÊNCIA GULBENKIAN.....	2
ENSINO DA MATEMÁTICA: QUESTÕES E SOLUÇÕES.....	6
DE SANTARÉM A SÃO TOMÉ: O CAMINHO DA EDUCAÇÃO.....	10
À ESPERA DE DARWIN.....	13
INTEGRAR OS MAIS VELHOS NUM MUNDO GLOBAL.....	14
DESCOBRIR EM FESTA.....	15
O JAPÃO VISTO DA EUROPA.....	16
AS 53 ESTAÇÕES DO TOKAIDO.....	17
OS CARTAZES DE MICHEL FRANÇOIS.....	17
ARTE BRASILEIRA NO CAM.....	18
ZOBERNIG: DA TATE ST IVES PARA O CAM.....	18
AMADEO EXPOSTO EM MADRID.....	19
O MUNDO NUM MINUTO.....	19
A NOSSA LITERATURA DO MUNDO.....	20
FERNANDO PESSOA E CONSTANTINE CAVAFY O ENCONTRO IMAGINÁRIO.....	20

DESTAQUE

SEDE DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN DECLARADA EDIFÍCIO SAUDÁVEL.....	21
---	----

BREVES

FESTA DOS LIVROS EM NOVO ESPAÇO.....	24
TRÊS PRÉMIOS PARA EDIÇÕES DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN.....	24
PATRIMÓNIO PORTUGUÊS NO ESTRANGEIRO EM IMAGENS.....	24
HTTP://WWW.FLICKR.COM/PHOTOS/BIBLARTE	25
MÉRITO PARA EDUARDO LOURENÇO.....	25
FUNDAÇÃO É MEMBRO HONORÁRIO DA ORDEM DOS ARQUITECTOS.....	25
NOVO PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO PROFISSIONAL DE MÉDICOS IMIGRANTES.....	26
MÉDICOS EM FORMAÇÃO AVANÇADA.....	26
ETHOS-PRÉMIO DE BIOÉTICA ATRIBUÍDO A HENK TEN HAVE.....	26

LIVROS

IMAGENS DO ESTRANGEIRO NO DIÁRIO DE MIGUEL TORGA.....	27
PARA UMA ESCOLA SEM VIOLÊNCIA.....	27

UM ROSTO DA BIOLOGIA MARINHA

SÓNIA OLIM.....	28
-----------------	----

UM ROSTO DA BELAS-ARTES

LUÍSA SANTOS.....	29
-------------------	----

UMA OBRA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

LÂMPADA CILÍNDRICA, EGÍPTO (OU SÍRIA).....	30
--	----

UMA OBRA DO CENTRO DE ARTE MODERNA

HELENA ALMEIDA, SEDUZIR.....	31
------------------------------	----

UMA OBRA DA BIBLIOTECA DE ARTE

PORTUGUESE ART 800-1800.....	32
------------------------------	----

AGENDA

.....	33
-------	----

NEWSLETTER Nº 98. NOVEMBRO. DEZEMBRO. 2008

ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação

Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais | Patricia Fernandes

Av. de Berna, 45 A - 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00, fax 21 782 30 27

info@gulbenkian.pt, www.gulbenkian.pt

REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga [dito e certo]

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | Tânia Reis [DDLX]

FOTOGRAFIA DA CAPA José Manuel Costa Alves

IMPRESSÃO Euroscanner

TIRAGEM 15 000 exemplares

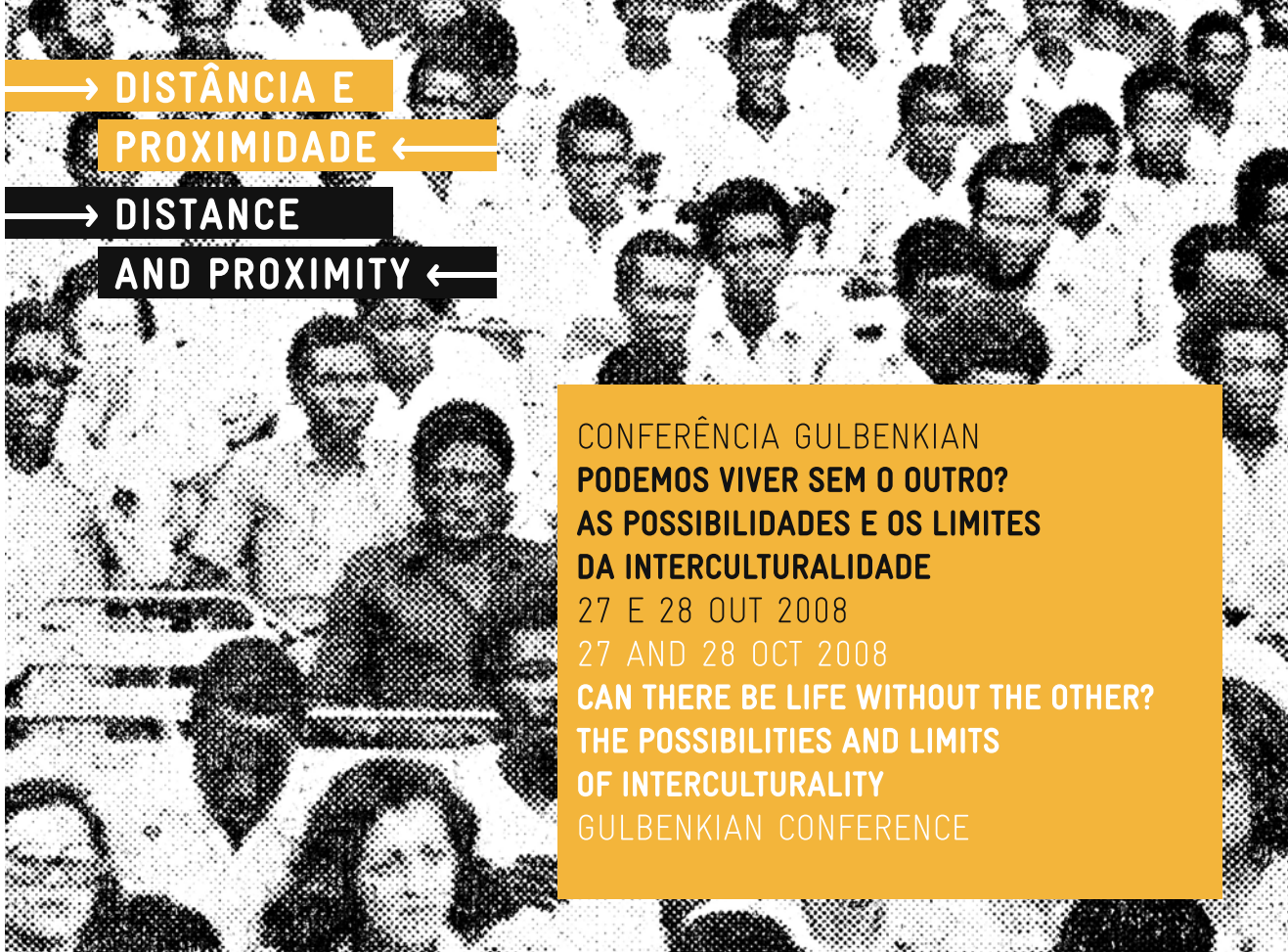
ACTUALIDADE

CONFERÊNCIA GULBENKIAN DISCUTE INTERCULTURALIDADE

A Conferência Gulbenkian deste ano foi dedicada à Interculturalidade, às suas possibilidades e limites, propondo a reflexão e o debate em torno da questão de partida: *Podemos Viver sem o Outro?* Comissariada por Arjun Appadurai, natural de Bombaim e a viver em Nova Iorque, e por António Pinto Ribeiro, coordenador do Programa Gulbenkian Distância e Proximidade, a sessão de abertura contou com a intervenção do presidente da Fundação Gulbenkian. Emílio Rui Vilar assinalou a realização desta Conferência como mais uma etapa de reflexão num processo dinâmico e multidisciplinar que a Fundação tem vindo a desenvolver, desde há seis anos, na área das migrações e da interculturalidade. Afirmando que “a inclusão enriquece enquanto a exclusão empobrece”, e perante a pergunta “Podemos viver sem o Outro?”, Emílio Rui Vilar respondeu liminarmente que “não podemos viver sem o Outro, porque o Outro é uma parte inalienável de nós mesmos”, fazendo a distinção entre a forma como nos relacionamos com o Outro e de como tomamos consciência do nosso condicionamento cultural quando convivemos com o Outro. O presidente da Fundação não deixou de fazer referência à crise financeira actual e de antecipar alguns efeitos imediatos que poderá produzir à escala global, nomeadamente na circulação de pessoas e na ajuda humanitária às populações mais desfavorecidas.

António Pinto Ribeiro citou os versos de 1904 de Constantine Cavafy – “E agora que será de nós sem bárbaros? / Esses homens eram uma solução” –, para referir que numa era global, todos deixaremos de ser cidadãos ou “novos bárbaros” (estrangeiros, imigrantes ou não) para nos tornarmos cidadãos do mundo, mas “enquanto temos o privilégio de viver nestes tempos de crises, é-nos imperativo reflectir sobre o modo como não é possível viver sem o Outro”.

Na conferência inaugural, Arjun Appadurai começou por enunciar as duas questões que iria abordar: o Diálogo Intercultural, numa perspectiva macro, e o Cosmopolitismo, a partir da sua experiência de coordenador no projecto PUKAR (Partners for Urban Knowledge Action and Research), em Bombaim. Na sua abordagem às implicações do Diálogo Intercultural, “absolutamente necessário”, deixou o alerta para os riscos que emergem no seu decurso: se, por um lado, existe o risco de se ser mal interpretado, por



CONFERÊNCIA GULBENKIAN
**PODEMOS VIVER SEM O OUTRO?
AS POSSIBILIDADES E OS LIMITES
DA INTERCULTURALIDADE**

27 E 28 OUT 2008

27 AND 28 OCT 2008

**CAN THERE BE LIFE WITHOUT THE OTHER?
THE POSSIBILITIES AND LIMITS
OF INTERCULTURALITY**

GULBENKIAN CONFERENCE

outro, existe também o risco de haver uma interpretação excessiva, quando se revela mais do que se pretende. “Até onde pode ir a negociação cultural?”, questiona Appadurai. Para que haja debate com o Outro, é preciso que haja um debate interno e, num jogo de equilíbrio, será preciso que cada parte traga para o debate externo a medida certa de debate interno. Pois que, em demasia, será tomado como sinal de incoerência; sendo insuficiente, será interpretado como arrogância. O diálogo é tão inevitável como o são os riscos que acarreta; o que importa é saber geri-los.

Arjun Appadurai explicou ainda a ideia de como a Habitação é um factor essencial de integração e de que a circunstância de não se ter um tecto, uma morada, está na base dos problemas sociais de resolução mais difícil. Apresentou em seguida a ideia de «cosmopolitismo compulsório», na medida em que os migrantes, os deslocados, se vêem obrigados, grande parte das vezes, a aprender várias línguas para poderem negociar e obter documentação, habitação e emprego.

A VIOLÊNCIA E O OUTRO

Dipesh Chakrabarty, professor da Universidade de Chicago, apresentou uma leitura crítica do conceito de violência étnica desenvolvido por Amartya Sen na obra *Identidade e Violência*. Chakrabarty parte da observação de um mundo

em mudança, que terá forçosamente de encarar em simultâneo os efeitos da globalização e do aquecimento do planeta, para garantir a sobrevivência do ser humano como espécie. O professor de Chicago fala mesmo de uma nova era do homem enquanto espécie.

Num outro ponto da sua intervenção, e tendo como referência casos de violência étnica na Índia, propõe uma distinção entre os conceitos de “identidade” e “identificação”. Assim, segundo Chakrabarty, a noção de identidade dá-nos o sentido de nós próprios, plural e complexo, enquanto a noção de identificação remete para um conjunto de signos exteriores através dos quais os outros nos associam a um grupo particular. Enquanto a identidade se refere a um processo que ocorre dentro de nós, correspondendo ao modo como nos vemos, a identificação é um processo social, fazendo, ao mesmo tempo, parte da vida diária. Ora a violência étnica atinge pessoas não pelas suas identidades, mas em virtude daquilo por que são identificadas. Nestes casos, é importante distinguir entre o nosso próprio processo mental, através do qual formamos imagens de nós próprios assumindo múltiplas identidades, e o processo social através do qual somos identificados como pertencendo a um determinado grupo. A vida diária é uma mistura de processos de identidade e de identificação. Quando a violência étnica ocorre, é o processo de identificação que entra em jogo. No dia-a-dia, os processos de identidade e



Arjun Appadurai, Emilio Rui Vilar, António Pinto Ribeiro



Karen Armstrong, Pe. Peter Stilwell, Mustapha Tlili

identificação coexistem sem competição, mas, nos momentos de violência, os processos de identidade são esmagados pelos de identificação.

O antropólogo Filip De Boeck, da Universidade de Lovaina, falou sobre o fenómeno sociológico da relação dos jovens com a morte, em Kinshasa, e que poderá, pelos seus contornos invulgares, ser encarado como um perfeito exemplo do Outro. Confrontados com graves problemas sociais como a ruína económica, a ausência de abrigo e a falta de esperança, os jovens apropriaram-se dos rituais da morte, protagonizando, de um modo desconcertante, “Danças com Mortos”, numa autêntica “Ordem da Desordem”, tal como o título da comunicação sugere. A enorme selva em que se tornou o cemitério de Kintambo, abandonado pelas autoridades, carecendo de qualquer vestígio de ordem social, com infra-estruturas degradadas, em que mortos e vivos disputam a terra palmo a palmo, convertido numa espécie de mercado entre campas e valas, é o objecto privilegiado do seu trabalho. O que se destaca nesta análise é o facto de, nalguns locais, as crianças e jovens passarem a controlar e a protagonizar o ritual da morte, como é o caso de Camp Luka, onde grupos juvenis impõem a sua lei sem regras, juntando-se “numa ordem desordenada” em celebrações simultaneamente lúdicas e violentas. Esta íntima e improvável interacção entre os jovens vivos e os mortos, em que uns se expõem ruidosamente, expondo também os cadáveres num ritual de uma estética perturbadora, testemunha o modo como constroem uma imagem de sociabilidade a partir, precisamente, da fonte do seu desespero. Segundo De Boeck, trata-se de uma nova arquitectura de sobrevivência urbana em que a morte assume o papel de inspiração, apoio estrutural e dispositivo de enquadramento na negociação de relações sociais.

PREPARADOS PARA DIALOGAR, MAS TAMBÉM PARA ESCUTAR

A teóloga britânica Karen Armstrong considera que, em termos de religião, o Ocidente e o Islão exibem uma longa história de oportunidades perdidas. Não podemos viver sem o Outro, mas essa relação não está a correr bem porque “estamos a falhar o desafio dos nossos tempos”, afirmou. Considerando os fundamentalismos como uma forma religiosa de nacionalismo (nem sempre violenta), esses movimentos acabam por surgir em reacção ao secularismo invasivo, arrogante, às vezes agressivo, das sociedades ocidentais. Num mundo cada vez mais hostil à religião, muitas vezes os muçulmanos são considerados como o Outro apenas porque são religiosos. A recente crise gerada pela publicação dos *cartoons* dinamarqueses, e que os extremistas alimentaram de ambos os lados, veio demonstrar como se reforçam estereótipos, com uma cobertura mediática dos acontecimentos que ignorou as vozes moderadas. Karen Armstrong sustenta que, ao contrário da percepção generalizada, o Islão não é incompatível com a modernidade democrática e que não estamos a assistir a um choque de civilizações, mas sim de “santidades”. A liberdade de expressão como valor sagrado, inviolável e não negociável no Ocidente, choca com a concepção do que é sagrado para o mundo islâmico, que se encontra numa fase diferente do processo de modernização. Karen Armstrong relembrou, contudo, que o Ocidente demorou séculos a desenvolver as suas instituições democráticas e deverá fazer um maior esforço para compreender o ponto de vista do “Outro”. Exortou a que seja implementada a nível global a Regra de Ouro [de uma sociedade civilizada]: “Não fazer aos outros o que não queremos que os outros nos façam a nós.” As sociedades ocidentais, sempre tão opinativas, precisam também de saber ouvir, de estar preparadas para desafiar os próprios preconceitos e aceitar a mudança.



Assia Meliani, José António Fernandes Dias, Ming Tiampo



Emilio Rui Vilar, Jorge Sampaio

OS LIMITES E AS POSSIBILIDADES DA ARTE

Ming Tiampo, professora de História de Arte na Universidade de Carleton, no Canadá, referiu o facto de a História do Modernismo ser completamente eurocêntrica, considerando os contributos não ocidentais periféricos e simples objectos de inspiração ocidental. Perante a secundarização de artistas tão importantes como o grupo Gutai, do Japão, a questão que coloca é: “Pode existir Modernismo sem o Outro?” Tiampo demonstra como os artistas do grupo Gutai se enquadraram perfeitamente no espírito modernista, com um discurso original e inovador, tendo até, nalgumas experimentações, antecipado géneros que eclodiram mais tarde na arte euro-americana, através de instalações ou de expressões de arte performativa. Desenvolveu, na sua comunicação, as estratégias adoptadas pelo grupo Gutai, que usou a distância e a sua própria situação periférica como uma fonte de inspiração, diálogo e criação.

Outro testemunho sobre a condição de artista fora dos circuitos centrais veio da franco-argelina Assia Meliani, consultora de projectos culturais. Falou sobre a dificuldade com que se defrontam os artistas nas sociedades contemporâneas árabes. Referiu-se ao caso do Egipto, onde coexistem lado a lado artistas sustentados pelo Estado e que têm uma visão muito académica da arte, e artistas independentes. Estes têm liberdade criativa e são como “uma estrada ao longo do mar, virada para o futuro”: têm uma voz própria e não seguem as regras institucionais, nem as expressões ocidentais. Os temas que privilegiam prendem-se com redefinição da identidade árabe, questão muito complexa, porque remete para um mosaico muito diversificado de culturas e religiões. Meliani sublinhou a importância destes artistas nestas sociedades, que considerou “janelas

abertas para a esperança”, sendo absolutamente fundamental que possam exprimir-se livremente, porque, afirmou, “não há desenvolvimento sem uma livre criação artística”.

“DIPLOMACIA PÚBLICA” E UMA NOVA ATITUDE INDIVIDUAL

A encerrar os dois dias de reflexão sobre a interculturalidade, o Alto Representante para a Aliança das Civilizações, Jorge Sampaio, deixou duas sugestões em forma de apelo: mais “diplomacia pública” e uma nova atitude por parte dos cidadãos. Jorge Sampaio defende que haja mais comunicação e mais ligações entre a reflexão académica e a sociedade em geral, “incluindo o conjunto dos decisores com responsabilidades na governação dos bens públicos”, uma “diplomacia pública” que estimule o cruzamento entre os que estudam estes fenómenos e aquilo que se passa no quotidiano. Convicto de que os problemas que existem hoje nas sociedades podem degenerar “num conflito entre culturas ou, pior ainda, num choque de civilizações”, o antigo Presidente da República defende estratégias nacionais para o diálogo intercultural que “abranjam medidas no campo da Educação, da juventude, da integração das minorias e dos media. O segundo apelo diz respeito à “nova atitude” que cada cidadão deve procurar adoptar em relação aos outros, ao espaço público, à forma de estar na sociedade global. Uma vez que tudo radica na Educação, Sampaio defende o ensino e a aprendizagem de competências interculturais para todos, apostando em políticas para os jovens “baseadas na igualdade de direitos e de oportunidades”. No final desta conferência, o Alto Representante da Aliança saiu com a convicção de que “não podemos, nem queremos viver uns sem os outros”. ■

Conferência Internacional

MATEMÁTICA

ENSINO: QUESTÕES E SOLUÇÕES

A 17 e 18 de Novembro realiza-se mais uma Conferência Internacional sobre Educação, desta vez dedicada ao ensino da Matemática. **Nuno Crato** foi o comissário escolhido para pensar estes dois dias de conferência que pretende questionar as razões para os maus resultados portugueses na Matemática, mas também apresentar algumas soluções. Em entrevista, **Nuno Crato** (professor associado com Agregação de Matemática e Estatística no ISEG e presidente da Sociedade Portuguesa de Matemática), fala do programa da conferência.

O QUE VAI SER DISCUTIDO NESTES DOIS DIAS?

Logo no primeiro dia, depois da alocução de abertura de Sobrinho Simões sobre a iliteracia e a inumeracia, Lynne Reder, uma psicóloga cognitiva pertencente ao grupo de Carnegie Mellon, um grupo que rompeu com algumas ideias tradicionais, vai falar sobre a psicologia cognitiva moderna e o ensino da Matemática. Este grupo ficou conhecido pela forma como pôs em causa algumas das teorias sobre o chamado ensino em contexto, mostrando que as aprendizagens podem ser decomponíveis, que há coisas que se aprendem primeiro e que se percebem depois, e que há outras que se percebem primeiro e se apreendem depois. Estes estudos mostraram que há vários caminhos para a aprendizagem e não um caminho único, como algum construtivismo ingénuo defendia. A conferência dela é exactamente sobre as conclusões que se podem tirar da psicologia cognitiva moderna e as que não se podem tirar e que têm sido abusivamente usadas para justificar ideias sobre o ensino.

QUANDO DIZ POR ONDE É QUE SE PODE IR E POR ONDE É QUE NÃO SE PODE IR, IMPLICA QUE ESTEJAMOS A TOMAR COMO MODELO UMA COISA QUE ANTES NÃO CONSIDERÁVAMOS E QUE AGORA PASSAMOS A CONSIDERAR. NÃO É MAU ADOPTAR SÓ UM MODELO?

Não é isso que se passa, pelo contrário. O que ela diz é que há vários caminhos complementares para a aprendizagem e não um caminho único. Esta escola de Carnegie Mellon defende que se trabalhe em vários níveis com a criança. É o

contrário daquele caminho único defendido pelo construtivismo ingénuo: partir sempre da experiência concreta, dar sempre exemplos da experiência concreta, só depois abstrair, só usar a notação depois de sentida a sua necessidade, etc. Para o grupo de Carnegie Mellon, a notação escrita pode ajudar a aprendizagem e, por isso, é bom começar desde logo com as notações convencionais, tendo em conta que a necessidade de compreender os símbolos é fundamental para a compreensão dos conceitos. Portanto, são pessoas muito mais a favor do ensino multifacetado do que o que se defendia há 30 anos.



AINDA NO PRIMEIRO DIA, A TARDE TERÁ LOGO A ABRIR A INTERVENÇÃO DE DOIS MATEMÁTICOS QUE VÃO RESPONDER À PERGUNTA: O QUE FAZ UM BOM PROFESSOR DE MATEMÁTICA?

Richard Askey é conhecido pelo chamado combate à “matemática difusa”, ao ensino com conceitos difusos que vigorou durante algum tempo e, nalguns casos, ainda está presente nos Estados Unidos e em Portugal. Ron Aharoni é um professor israelita que tem uma história muito curiosa. Enquanto professor universitário, foi convidado para dar aulas no ensino básico e aceitou. Esta experiência levou-o a consolidar algumas ideias que tinha sobre Educação e a mudar outras por completo. Aharoni conta que ia convencido que, no ensino básico, as actividades são fundamentais e que a estrutura do raciocínio é pouco importante. A experiência mostrou-lhe que não, ou seja, a estrutura do raciocínio é tão importante no básico como noutros níveis de ensino e as actividades, se não forem estruturadas, não conduzem a nada. Ron Aharoni escreveu um livro, que será

apresentado durante a conferência, intitulado *Aritmética para Pais* e que pretende ajudar os professores e os pais a explicarem a matemática aos filhos.

E O QUE FAZ UM BOM PROFESSOR DE MATEMÁTICA, EM SEU ENTENDER?

Muitas coisas, vamos ouvir o que eles têm a dizer. Posso dizer que o conhecimento da matéria e a capacidade de organização são características fundamentalíssimas para se ser um bom professor, mas também o respeito pelos alunos. A capacidade de dialogar, no sentido de perceber o que é que os alunos estão a entender ou não, de ouvir as suas ideias e dúvidas, também é muito importante. Depois das questões de conhecimento, vem a pedagogia, as técnicas de transmissão de conhecimentos que convém que os professores saibam. Mas eu diria que em Portugal e noutros países ocidentais se têm menosprezado os conteúdos. É fundamental para os professores perceberem bem a matéria, o que estão a dar, e terem vontade de a transmitir aos alunos. Vigorou durante muito tempo em Portugal uma ideia, de que discordo, de que o ensino deve estar centrado no aluno. Ao que nós estamos a assistir recentemente é, de novo, a ideia de que o professor é fundamental. O professor, na aula, deve comandar o ritmo de aprendizagem do aluno. O professor é o orientador, é o motor da aprendizagem; tem de ser o motor da aprendizagem nas escolas.

E NO SEGUNDO DIA DA CONFERÊNCIA?

Começamos com duas intervenções importantes. A de José Morais, um psicólogo português, conhecido mundialmente pelos seus trabalhos na área da leitura. E também a de Michel Fayol, que se tem destacado no estudo do cérebro. Ambos intervirão sobre o ensino da Matemática e sobre os problemas que surgem nas aprendizagens. O estudo psicopedagógico sobre o ensino da leitura está muito mais avançado que o do ensino da Matemática. Os psicólogos estudaram muito mais o ensino da leitura e chegaram aí a uma série de conclusões que devem ser consideradas pelos que se preocupam com o ensino da Matemática.

Na tarde deste segundo dia vai intervir um outro psicólogo, David Geary, que nos vai relatar as conclusões de um painel federal norte-americano, realizado durante dois anos, para o ensino da Matemática. Foi um painel que trouxe pessoas de muitos lados – da Psicologia, da Matemática, da Educação – e chegou a alguns consensos sobre aquilo que se sabe e o que se pode transpor como recomendações para o ensino. Finalmente, temos uma mesa-redonda sobre a importância da Matemática no país. Durante toda a conferência haverá lugar para discussão dos vários painéis, em mesas-redondas que se distribuem pelos dois dias.

QUANTO A ESSAS RECOMENDAÇÕES FEITAS AO GOVERNO FEDERAL, SÃO RECOMENDAÇÕES GENÉRICAS QUE DEPOIS VÃO TER DE SE ADAPTAR ÀS REALIDADES DOS VÁRIOS SISTEMAS EDUCATIVOS? SÃO, OBVIAMENTE, CONCLUSÕES GENÉRICAS.

Claro. E, portanto, ele não vai falar de coisas que sejam muito específicas dos Estados Unidos. Vai falar de assuntos como, por exemplo, o uso da máquina de calcular, sobre o que se sabe e não se sabe sobre isso. Sobre o ensino em espiral, por exemplo, que foi uma ideia dos anos 90 que se veio a revelar exagerada. Uma das conclusões do painel foi precisamente a de que o ensino deve ter etapas que se concluem. A ideia de que os assuntos são revisitados todos os anos, cada vez com um bocadinho mais de profundidade, é uma ideia que, tendo algumas virtudes, tem sido muito criticada porque os alunos nunca “fecham” nenhuma matéria.

ESTA CONFERÊNCIA REMETE CLARAMENTE PARA SOLUÇÕES. NÃO DEIXA DE TER AS QUESTÕES, OS PROBLEMAS, MAS PRETENDE APONTAR CAMINHOS...

Não quisemos ficar apenas no diagnóstico dos problemas, porque seria uma abordagem muito incompleta. Ao apresentar soluções, está-se, de certa maneira, a fazer um diagnóstico melhor. O questionamento sobre os problemas deve trazer, ao mesmo tempo, sugestões de mudança. E é isso que vai ser feito durante a conferência.

Consultar programa em www.gulbenkian.pt

O TALENTO TAMBÉM SE TRABALHA

Tinha 18 anos quando conquistou a medalha de ouro das Olimpíadas de Matemática. Aluno excelente no secundário e na universidade, foi também premiado pelo programa Gulbenkian de Estímulo à Investigação. José Miguel Urbano é, actualmente, professor no Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra e coordenador do programa Novos Talentos em Matemática. Defensor de uma escola mais exigente e mais rigorosa, José Miguel Urbano considera que a situação que vivemos é também fruto do facilitismo.

A PARTIR DA SUA EXPERIÊNCIA COMO PROFESSOR E TAMBÉM COMO COORDENADOR DO PROGRAMA NOVOS TALENTOS EM MATEMÁTICA, DIRIA QUE A SITUAÇÃO QUE SE VIVE COM OS MAUS RESULTADOS A MATEMÁTICA É MUITO NEGRA?

Sim e não. É difícil... Neste programa, temos uma faixa ínfima preenchida com os melhores alunos. A situação é negra para a média, mas há um grupo muito restrito, cerca de 12/14 alunos que estão, aqui e em qualquer sítio, muito acima da média.

O QUE É QUE ESTES ALUNOS TÊM DE PROVAR, ALÉM DAS NOTAS QUE APRESENTAM?

Além das notas, que têm que ser todas muito altas, há os resultados dos que participam em olimpíadas internacionais onde conseguem medalhas ou menções honrosas.

E, normalmente, esse é o critério que nos faz decidir, especialmente para os alunos que vêm do ensino secundário, onde as notas estão muitíssimo inflacionadas e onde, por si só, um 19,5 num exame nacional já praticamente não nos diz nada, porque a quantidade de alunos que têm 19, 19,5, 19,8, 20, é enorme. Isto já não permite aferir quase nada sobre a capacidade que se espera que os alunos tenham para um programa deste género. Portanto, normalmente, aquilo que nos faz decidir é outro tipo de experiência para além da estritamente académica, digamos. E estes alunos que se envolvem em programas extra-curriculares de preparação para olimpíadas, em ambientes extremamente competitivos como as olimpíadas internacionais, são aqueles que nós não temos dúvidas de que vão fazer um excelente trabalho. Eu diria que continuamos a ter, e isto é sistemático, 10 a 15 alunos de nível altíssimo e isso é muito bom. São alunos que vêm para Matemática porque gostam mesmo; não tenho notado, ao longo dos 10 anos do programa, uma diminuição do número destes bons alunos, altamente motivados e bem preparados. Contudo, é uma pequena franja. O país não pode só viver de um pequenino grupo. E, portanto, eu diria que a situação da Matemática,



neste momento, é muitíssimo grave. Não só da Matemática como, imagino, também das outras disciplinas fundamentais. Tenho a ideia de que se ensina cada vez menos, com menos exigência e com uma certa cultura de facilitismo, de memorização de coisas que são extremamente importantes, como a memória e até a capacidade de sofrimento.

UM DOS PAINÉIS DESTA CONFERÊNCIA É “O QUE FAZ UM BOM PROFESSOR DE MATEMÁTICA?”. EM SEU ENTENDER, O QUE FAZ UM BOM PROFESSOR?

Para se ser bom professor, é preciso saber muito bem aquilo que se ensina. E não só. É preciso saber muito mais do que aquilo que se ensina. Hoje em dia, o enfoque é todo na pedagogia, no método de ensino, etc. Mas, se falhar o essencial, que é saber o que se vai ensinar, saber muito bem esaber muito mais do que o que se está a ensinar, o resto é completamente acessório. Claro que as outras coisas também são importantes, mas sou particularmente crítico de todas estas teorias que andam à volta, por exemplo, do processo de Bolonha, da aprendizagem passar a ser centrada no aluno em vez de ser centrada no professor.

NUM PAÍS COM TÃO FRACOS RESULTADOS A MATEMÁTICA, COMPENSA SEGUIR O CAMINHO MAIS DIFÍCIL?

Podemos falar sempre de dois mundos. O das questões do ensino da Matemática e o mundo da investigação. E, neste último, não digo que o país não tenha investido. Por exemplo,

na minha vida enquanto investigador, nunca tive escassez de recursos, nunca me foi vedada, por falta de meios financeiros, qualquer tipo de oportunidade. Esse não é um problema em Portugal. Qualquer pessoa que goste de Matemática e seja bem sucedido tem as portas todas abertas. Há dinheiro para projectos de investigação, para viajar, para convidar pessoas, para organizar congressos, para ir a congressos, etc.

Mas, hoje, enfrentamos um problema sério, transversal a todas as ciências, que é o do crescimento demasiado rápido das universidades, feito com pouco critério, que afecta muitos dos que estão a começar, pois torna muito difícil a progressão na carreira universitária. Para responder concretamente à pergunta, nunca senti nenhum tipo de frustração ou de falta de reconhecimento na minha actividade profissional. Mesmo enquanto professor, sinto que a matemática continua a ter um papel que é reconhecido pela sociedade. Eu vejo nos meus alunos, e eu dou aulas não só em Matemática, mas também noutros cursos da Faculdade de Ciências (Bioquímica, Física), vejo sempre que os alunos olham para a Matemática como uma disciplina especial. Eles percebem, creio eu, a importância que a Matemática tem na estruturação do seu raciocínio, a utilidade que a Matemática pode ter, mesmo que não seja uma utilidade directa, prática, mas que é importante para a maneira como eles vão pensar, para a capacidade de raciocínio e a organização do pensamento. É conhecido o exemplo da Nokia, que, normalmente, ia buscar para os seus altos quadros licenciados em Física e Matemática, da Universidade Técnica de Helsínquia, pois eram aqueles que eles acreditavam que sabiam pensar melhor, que tinham mais capacidade para se adaptarem. Já havia esta ideia desse lado nobre da Matemática, como disciplinadora do raciocínio, e também creio que começa a fazer o seu caminho por cá.

A MATEMÁTICA É AINDA POUCO DIVULGADA, OU SEJA, FALA-SE MUITO DA INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA, MAS FALA-SE POUCO DAS DESCOBERTAS MATEMÁTICAS, OU NÃO?

Fala-se pouco. A ideia mais comum é a de que a Matemática está toda descoberta. E, depois, também é muito mais difícil falar das descobertas em Matemática do que das descobertas em Física, porque, à partida, toda a gente percebe, por exemplo, o que é e qual a importância de um acelerador de partículas. Falar de um avanço em Matemática é muito mais difícil do ponto de vista da comunicação, porque são conceitos que as pessoas não dominam, não lhes diz nada falar de conceitos matemáticos muito abstractos. Na Matemática, provar que as soluções de uma certa equação têm um conjunto de propriedades é uma coisa que não diz nada às pessoas. E há, na Matemática, sempre esta *décalage* entre as descobertas e a sua aplicação prática. Eu acho que nós, matemáticos, temos também que fazer uma aprendizagem de como comunicar a ciência, mas às vezes não é nada fácil. ■

O insucesso na Matemática é uma característica que vem de longe. Portugal foi sempre um mau aluno, em termos gerais, e tem vindo a piorar nos resultados, como demonstram os últimos estudos internacionais do TIMMS e PISA. Será uma fatalidade intrínseca ao País?

E porque fazem os maus resultados esquecer os que ainda conseguem conquistar lugares cimeiros em olimpíadas da Matemática?

Há 10 anos, a Fundação Gulbenkian criou o programa Novos Talentos em Matemática, com o objectivo de estimular nos jovens o gosto, a capacidade e a vocação de pensar e investigar em Matemática. Anualmente, são atribuídas bolsas de mérito a estudantes universitários do 1º ao 3º ano, que frequentem uma licenciatura com uma forte componente na disciplina. João Guerreiro é um desses jovens. A frequentar uma licenciatura no Instituto Superior Técnico (IST), diz que a Matemática foi, desde sempre, uma das suas disciplinas favoritas. Quando começou a participar nas Olimpíadas, no 9º ano, fez a opção de continuar a estudar estas matérias. Num breve depoimento, João Guerreiro explica o interesse pela disciplina:

OS SEUS PROFESSORES PESARAM NA DECISÃO DE OPTAR PELA MATEMÁTICA?

Julgo que os meus professores tiveram um papel indirecto na minha opção pela Matemática. Como sempre tive bons professores à disciplina, eles permitiram que desenvolvesse o meu interesse pela disciplina, apesar de não terem contribuído activamente para a minha decisão.

QUAIS SÃO OS SEUS PLANOS PARA DEPOIS DO IST?

Ainda não tenho planos definidos para o futuro, mas tenciono continuar a estudar Matemática durante os próximos anos.

QUAL A IMPORTÂNCIA DE UM PROGRAMA COMO O NOVOS TALENTOS EM MATEMÁTICA?

Para mim este programa foi importante a dois níveis: tive a oportunidade de aprender um tema que não é abordado nas disciplinas do meu curso, com a orientação de um investigador; e foi uma fonte contínua de problemas de Matemática que me ocuparam ao longo do ano. Além do trabalho desenvolvido no âmbito do programa, tenho também a destacar a interacção entre os bolseiros aquando do Encontro Nacional dos Novos Talentos em Matemática. ■

DE SANTARÉM A SÃO TOMÉ: O CAMINHO DA EDUCAÇÃO

No final do ano lectivo de 2004/2005, o Ministro da Educação de São Tomé e Príncipe sugeriu à Fundação Gulbenkian que apoiasse a renovação e melhoria do ensino básico. Nesse sentido, uma equipa da Fundação Calouste Gulbenkian e da Escola Superior de Educação de Santarém (ESES) visitou São Tomé. O que viu e ouviu no terreno foi o bastante para fazer arrancar o projecto. Hoje, todos os alunos do Ensino Básico de São Tomé aprendem e estudam em manuais concebidos pela equipa de professores de Santarém, num projecto da Fundação Gulbenkian. O nome oficial é Projecto de Apoio à Reforma do Ensino Básico em São Tomé e Príncipe. Celebrado através de protocolo entre a Fundação Calouste Gulbenkian (Programa de Ajuda ao Desenvolvimento) e o Ministério da Educação, Cultura, Juventude e Desporto de São Tomé e Príncipe, em 2006, e já complementado por um Memorando de Entendimento, este projecto quer ajudar a implementar a escolaridade obrigatória de seis anos e a melhorar a qualidade dos serviços de Educação.

Há manuais de Ciências Naturais e Sociais, de Língua Portuguesa, de Matemática, de Educação Musical, e outros, da 1ª à 5ª classe. Para o ano sairão os da 6ª classe. Todos foram produzidos com a ajuda da Fundação e o contributo da ESES, que chega a produzir seis manuais por ano. No livro da Língua Portuguesa podemos ler: “Um grupo de conchas que vivia em São Tomé e Príncipe resolveu partir à descoberta de novas terras africanas. (...) Já no meio do oceano, a concha Sete Braços lembrou-se: E agora? Não trouxe o mapa. Como é que vamos descobrir o caminho? África é tão grande!”

As referências à terra, a África, são um dos aspectos que a equipa de professores tem sempre em conta na produção dos vários livros. Mas há outros, como refere **Maria João Cardona**, coordenadora técnica do projecto e presidente do conselho directivo da ESE de Santarém, numa entrevista realizada por escrito.

OS MANUAIS ESCOLARES TÊM NORMALMENTE EM CONTA A REALIDADE SOCIAL E CULTURAL DO PAÍS DE ORIGEM. NESTE CASO, O QUE FOI FEITO PARA REFLECTIR A SOCIEDADE SANTOMENSE NOS VÁRIOS MANUAIS?

Desde o início do projecto que essa foi a nossa grande preocupação. Neste sentido fizemos logo questão de garantir a existência de uma equipa local. Esta foi organizada durante a nossa primeira missão a São Tomé. No entanto, as várias mudanças políticas que têm ocorrido implicaram várias alterações que se têm reflectido na organização da equipa

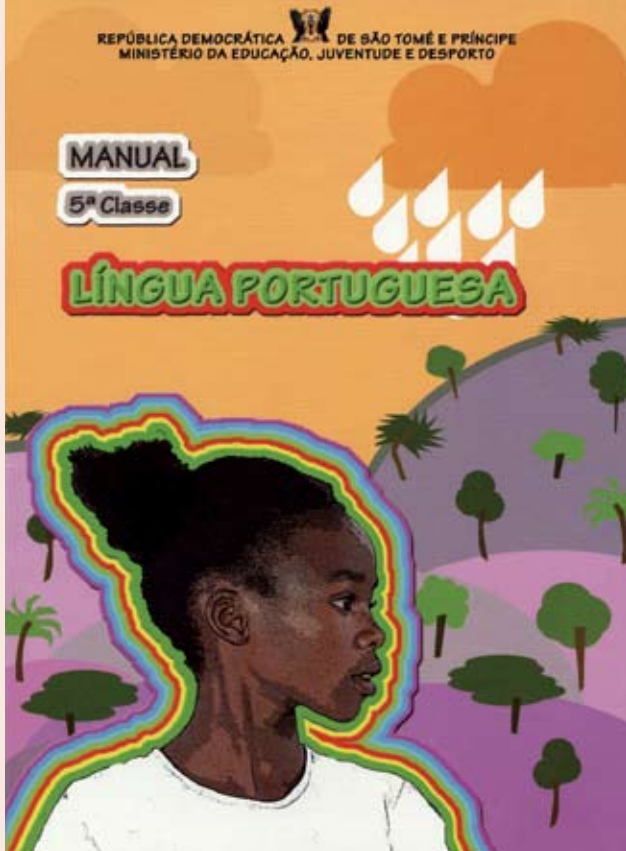
local. Esta questão tem sido uma das maiores dificuldades no desenvolvimento do trabalho. Também ficou definido, desde o início, a existência de um ano de experimentação, antes de se chegar à versão definitiva dos manuais. Durante este ano, o trabalho com a equipa local e com os professores das classes experimentais tem sido fundamental. Há muitas questões que nos parecem “naturais” e que em São Tomé não fazem qualquer sentido e necessitam de ser alteradas. No início as nossas propostas chegaram a ser criticadas pelos professores e professoras da equipa local, por serem demasiado “coladas” à realidade específica do país. E de facto, os manuais servem para aprender a conhecer a realidade em que vivemos mas também para abrir portas a outras aprendizagens relacionadas com outros países com culturas diferentes! Encontrar este equilíbrio não foi nem é fácil, mas está a ser uma aprendizagem para todos, equipa local e equipa da ESE.

Também foram muito importantes as vindas a Santarém de elementos da equipa local. Se é um trabalho conjunto, achámos que os professores e técnicos de São Tomé tinham também que conhecer a nossa realidade de trabalho. E este intercâmbio foi importante, fez com que ficássemos mais em sintonia. Estiveram também a estudar na ESE, a concluir a sua licenciatura, sete formandas e um formando, que como estavam sempre connosco nos ajudaram imenso. Actualmente, estão em São Tomé e Príncipe a trabalhar como formadores e a apoiar o processo de generalização dos novos manuais.

PARA ALÉM DO CUMPRIMENTO DOS PROGRAMAS DITADOS PELO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO DE SÃO TOMÉ, QUE OUTRAS PREOCUPAÇÕES ESTIVERAM PRESENTES NA ELABORAÇÃO DOS MANUAIS?

Os programas existentes foram revistos, em conjunto com as docentes e os docentes da equipa local. Esta foi, aliás, uma das necessidades subjacentes a todo este processo de reforma. Em 2003, foi publicada uma nova Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei 2/2003, de 2 de Fevereiro), que, entre outros aspectos, reflecte a necessidade de existir um maior espaço para a área da formação pessoal e social e para a área das expressões plástica, motora, musical, dramática. Foi por aqui que se começou.

Mas, se este processo de reforma curricular foi relativamente fácil para as quatro primeiras classes, para a 5ª e para a 6ª classes foi mais complexo. A ideia era a redução das áreas disciplinares e do número de docentes envolvi-



dos. Havia mesmo a proposta de generalizar o regime de monodocência até à 6ª classe. Ficaram definidas duas áreas de docência: Português e Expressões; Matemática e Ciências Naturais e Sociais. Os programas foram definidos, os manuais da 5ª classe já estão no país para iniciar a experimentação, mas está a ser difícil...

Para além de uma maior valorização das áreas de formação pessoal e social e das expressões, preocupámo-nos em articular as várias áreas disciplinares (como é apresentado na introdução de todos os manuais). Outra preocupação foi a organização de um livro de sugestões pedagógicas para os docentes, de forma a que, mesmo sem formação, se sentissem apoiados no seu trabalho.

Para as quatro primeiras classes organizámos ainda cadernos de actividades, pois preocupou-nos o tempo que os docentes passavam a escrever no quadro os trabalhos/exercícios que as crianças deviam fazer. Esta pequena-grande mudança foi dos aspectos mais apreciados!

Por último, não posso deixar de referir que houve uma grande preocupação com as ilustrações e com o colorido utilizado nos manuais, de forma a torná-los mais atractivos e funcionais.

HÁ RESPOSTAS CONCRETAS AO VOSSO TRABALHO? OS PROFESSORES DE SÃO TOMÉ FAZEM SUGESTÕES?

Sim, mais agora do que no início. Já nos conhecemos, são já vários anos de trabalho conjunto. Nós procuramos sempre ir recolhendo elementos para avaliação do trabalho em curso e todas as sugestões de alteração procuramos que fiquem registadas. No geral, parece-nos que está a haver

uma boa aceitação dos novos livros. Há 20 anos que trabalhavam com os mesmos manuais! E não é como na Europa, sem ser os manuais de apoio, há poucos livros...

Mas nós trabalhamos sempre mais directamente com os docentes e as docentes das classes experimentais. A par da testagem dos livros, tem havido um grande trabalho de formação, que é fundamental!

Temos também tentado dar algum apoio à equipa que está a preparar a generalização. Sem formação, não é fácil, mas há uma estrutura de apoio organizada, que aos poucos vai chegando a todo o país. Uma das questões, por exemplo, é a dificuldade de acesso à ilha do Príncipe; há professores e professoras que integram a equipa local e que participam na experimentação, mas muitas vezes têm dificuldade de estar na globalidade das reuniões e da formação. Nós próprios fomos uma ou duas vezes à ilha do Príncipe. Mas a maior dificuldade, como já disse atrás, vai ser o trabalho a nível da 5ª e 6ª classes.

QUE AVALIAÇÃO FAZ A ESE DO TRABALHO DESENVOLVIDO EM SÃO TOMÉ?

O nosso balanço é muito positivo. É um trabalho a que nos temos dedicado com muito empenho e pensamos que os livros e a formação estão a ir ao encontro dos objectivos do projecto. As principais dificuldades que sentimos são: os prazos muito apertados, a instabilidade política de São Tomé e Príncipe, que tem implicado várias mudanças a nível da equipa local. Tem sido um projecto muito absorvente, que envolve uma equipa numerosa e que ganhou um espaço importante na ESE, mesmo junto dos estudantes.

Neste sentido gostava de referir uma nova vertente do projecto, que começou no ano passado. Temos vindo a constatar que o facto de, para além dos manuais, não existirem livros nas escolas, dificulta a aprendizagem da língua portuguesa. Neste sentido, achámos que podia ser uma boa ideia estudantes nossos estagiarem e/ou trabalharem como voluntários/as apoiando a organização e dinamização de clubes de leitura fora das escolas. A Santa Casa da Misericórdia de São Tomé tem sido a “base” para a concretização desta iniciativa. A Associação de Estudantes tem também dado a sua ajuda, recolhendo livros para crianças e jovens que temos levado para lá. Ainda é cedo para avaliar, mas parece-nos que esta iniciativa está a ter bons resultados.

TÊM OUTRAS COLABORAÇÕES COM PAÍSES DOS PALOP?

A ESE, desde o início do seu funcionamento (em 1986), tem colaborado em vários projectos com África, apoiados pelo Banco Mundial e pela Fundação Gulbenkian: com Cabo Verde; Angola; Guiné; Moçambique; e mesmo com São Tomé. Mais recentemente (antes deste projecto), alguns de nós têm trabalhado como consultores e formadores em Cabo Verde, Moçambique e Timor. Com Moçambique, temos tido uma colaboração interessante com o ISPU, que foi fundado por um ex-colega nosso, o prof. Lourenço do Rosário. Temos também recebido estudantes bolsheiros de vários países dos PALOP.

Algumas propostas de colaboração acabam por não se concretizar por falta de recursos financeiros, mas a colaboração com países dos PALOP sempre foi, e esperamos que possa continuar a ser, uma prioridade da ESE de Santarém.

HÁ UMA CLARA ATENÇÃO À LUSOFONIA NO MANUAL DE LÍNGUA PORTUGUESA. CONSIDERA QUE OS MANUAIS DE PORTUGAL TÊM A MESMA FILOSOFIA?

Penso que não. E para confirmar se esta minha ideia tem ou não fundamento, pedi ajuda à Ana Fonseca, uma das colegas da área da Língua Portuguesa que participa no projecto. Ela partilha da mesma ideia. No entanto, observa-se que, nos últimos anos, tem havido uma maior preocupação em escolher obras de autores de língua portuguesa. Mas não temos conhecimento de manuais com textos de autores santomenses, por exemplo. E, a este propósito, é importante sublinhar a dificuldade que tivemos em encontrar textos de São Tomé e Príncipe para as crianças mais pequenas! Voltando aos Manuais de Portugal, penso que seria importante uma maior atenção à divulgação de textos de autores lusófonos. No entanto, tal como já referi, a propósito dos manuais de São Tomé e Príncipe, é importante que as crianças desde cedo se confrontem com a diversidade cultural, que é sempre enriquecedora e que, cada vez mais, corresponde à realidade do nosso país e da Europa. ■

DEPOIMENTO DO MINISTRO DA EDUCAÇÃO DE SÃO TOMÉ

É preciso educar e formar para perenizar raízes e valores ancestrais, mas sobretudo para transformar, mudar o mundo, projectando nas crianças de hoje o sonho de um futuro diferente e baseado no trinómio desenvolvimento, liberdade e paz – eis o desafio do projecto da reforma educativa em São Tomé e Príncipe, com vista ao alargamento da escolaridade básica, de qualidade e universal, de seis classes, única via para se garantir o exercício de uma cidadania plenamente responsável.

A Fundação Calouste Gulbenkian, um dos parceiros de cooperação mais importantes e fiéis da Educação nestas ilhas santas do Equador, abraçou em 2005 o desígnio do Governo de proceder a revisão curricular, ao nível dos planos de estudo, programas e manuais, sem esquecer a imprescindível vertente de actualização do corpo docente.

É com muito orgulho e satisfação que volvidos três anos da reforma, graças ao apoio da cooperação técnica da ESE de Santarém e financiamento da FCG, concluímos com êxito a revisão curricular dos 1º e 2º ciclos do Ensino Básico, testamos, adoptamos e introduzimos no sistema os manuais das 1º, 2º, 3º e 4ª classes e, neste novo ano lectivo de 2008-09 encetamos o processo de experimentação dos manuais de Língua Portuguesa/Expressões; Matemática/Ciências Naturais e Sociais em 14 turmas da 5ª classe disseminadas por todos os cantos do país, e realizamos vários seminários de formação de professores no início de cada trimestre. Importa reiterar que, para mudar o rosto do mundo, se precisa de todo mundo, daí que, para a implementação desta reforma, mobilizamos um cordão de parceria entre o Governo são-tomense, Projecto Pass do Banco Mundial e a Fundação Gulbenkian. Por conseguinte, durante estes três anos da Reforma Educativa, o Ministério da Educação e Cultura cresceu e reaprendeu uma grande lição: juntos aprendemos mutuamente e somos muito mais fortes e eficientes. Eis o condão das nossas relações de amizade e cooperação com a Fundação Calouste Gulbenkian.

São Tomé, 15 de Outubro de 2008

O Ministro
Jorge Lopes Bom Jesus

Darwin

Ciclo de conferências

NO CAMINHO DA EVOLUÇÃO

À ESPERA DE DARWIN

Evolução e Desenvolvimento: variações a dois tempos e muitas cores” é o tema que Patrícia Beldade, da Universidade de Leiden e do Instituto Gulbenkian de Ciência, irá desenvolver na conferência agendada para 5 de Novembro. Até ao final do ano ainda haverá uma conferência por Nuno Ferrand, da Universidade do Porto, que no dia 16 de Dezembro falará sobre “Evolução e Biogeografia: porque há tantas espécies na Terra?”. As conferências são de entrada livre e realizam-se sempre às 18h00, no Auditório 2 da Fundação Gulbenkian, com transmissão *online* em directo (<http://live.fccn.pt/fcg/>) e em circuito vídeo nos espaços adjacentes.

A abertura deste ciclo de conferências *Darwin: no Caminho da Evolução*, a 15 de Outubro, com Carlos Marques da Silva da Universidade de Lisboa, coincidiu com o lançamento da edição em português do livro *A Origem das Espécies de Charles Darwin*. O livro serve de ponto de entrada para a principal obra de Darwin (e da Biologia), *A Origem das Espécies*. Janet Browne, a autora, é professora de História da Ciência na Universidade de Harvard, nos EUA, e é a mais importante biógrafa de Charles Darwin.

O conjunto de iniciativas que a Fundação Gulbenkian está a promover, associando-se às comemorações dos 200 anos do nascimento de Charles Darwin e do 150º aniversário da publicação de *A Origem das Espécies*, culmina com a inauguração da exposição *A Evolução de Darwin*, em Fevereiro de 2009. ■

CONCURSO LEVA ALUNOS E PROFESSORES ÀS GALÁPAGOS

Até Janeiro decorre o *Concurso Darwin Regressa às Galápagos*, destinado a alunos e professores de escolas públicas e privadas. As melhores candidaturas serão premiadas com uma viagem de dez dias às ilhas Galápagos. A participação neste concurso implica a formação de uma dupla aluno/professor, em que o aluno tem de redigir uma carta de motivação, dirigida a Charles Darwin, para participar, enquanto seu assistente, numa hipotética segunda viagem ao arquipélago das Galápagos. Ao professor cabe a tarefa de redigir um ensaio que traduza as suas reflexões sobre a ideia de “mentor” na actualidade, tendo como ponto de comparação a relação de Darwin com o seu professor Henslow. As candidaturas devem ser submetidas *online* até dia **5 de Janeiro de 2009**.

Esta iniciativa dirige-se a alunos e professores de todas as disciplinas do 3º ciclo do Ensino Básico (1º escalão) e do Ensino Secundário (2º escalão). Em cada escalão, serão premiados os três melhores pares de candidatos. As viagens, uma para o professor e outra para o aluno, terão lugar de 5 a 15 de Abril de 2009. O regulamento do concurso pode ser consultado em www.gulbenkian.pt/darwin.



INTEGRAR OS MAIS VELHOS NUM MUNDO GLOBAL

Uma *Sociedade Madura num Mundo Global* é o tema da terceira conferência do Fórum Gulbenkian de Saúde 2008-2009 – O Tempo da Vida, que se realizará a 24 e 25 de Novembro. Depois de, nas conferências anteriores, se ter reflectido acerca da realidade demográfica, de políticas de saúde e doenças mentais, será agora a vez de tentar compreender como se podem manter os idosos perfeitamente integrados na sociedade. Segundo João Lobo Antunes, comissário da iniciativa, o objectivo é “acordar a consciência colectiva para as extraordinárias possibilidades de integração dos mais velhos num tecido social dinâmico, que permita a realização plena de cada pessoa até ao fim da vida”. Para este simpósio, está delineada uma sequência de discussões sobre questões como o impacto económico e financeiro do envelhecimento da população, as relações entre gerações, a aprendizagem ao longo da vida ou a dignidade na velhice. (ver agenda p. 34)

A sessão de abertura estará a cargo de Emilio Rui Vilar, presidente da Fundação Gulbenkian, e será seguida das intervenções de investigadores e académicos internacionais. David Wise, da John F. Kennedy School of Government (EUA), Axel Börsch-Supan, da Universidade de Mannheim (Alemanha), Alex Kalache, da The New York Academy of Medicine, Andreas Hoff e George Leeson, da Universidade de Oxford, e Margaret Pabst Battin, da Universidade do Utah (EUA), serão os oradores convidados.

O Fórum continua no próximo ano com temas essencialmente ligados à saúde, à investigação científica e à Medicina. ■



DESCOBRIR EM FESTA





Oriando Teixeira



Oriando Teixeira

Centenas de pessoas assistiram ao lançamento do Programa Gulbenkian Educação para a Cultura – Descobrir, no dia 4 de Outubro, com uma festa que abriu as portas dos museus, dos jardins e do grande auditório aos mais novos, para diversas actividades educativas. Visitas orientadas aos jardins, oficinas de ideias para dias de chuva, conversas sobre obras dos museus, surpresas musicais e concertos (im)previstos foram algumas das actividades em que pais e crianças participaram ao longo do dia. Desvendar o património artístico e natural da Fundação Calouste Gulbenkian, promovendo a compreensão e o interesse pelas várias artes, é um dos objectivos do Programa Descobrir. Para esta primeira temporada estão agendadas mais de duas mil visitas guiadas e centenas de eventos, alguns exclusivamente dirigidos a adultos. Desde a música às artes plásticas, passando pelo cinema e audiovisual, haverá espaço para dar largas à imaginação de pais e filhos, sem esquecer as crianças com necessidades educativas especiais. Prevê-se que, nas próximas temporadas, a programação se estenda aos campos da literatura, ciência e artes do espectáculo. O Programa Gulbenkian Educação para a Cultura prosseguirá até Setembro de 2009 (ver agenda). ■





O JAPÃO VISTO DA EUROPA

Durante dois dias, em Paris, no auditório do Instituto Nacional de História de Arte discutiram-se os laços existentes entre a Europa e o Japão dos séculos XVI ao XIX. Este encontro científico que reuniu, a 16 e 17 de Outubro, os maiores nomes dos estudos japoneses em França, foi coordenado pelos professores universitários **Dejanirah Couto** e François Lachaud e teve o apoio do Centro Cultural Calouste Gulbenkian.

O colóquio foi estruturado em torno de quatro grandes eixos: Textos e contextos: traduções, comentários e recepções à volta de textos asiáticos e europeus; Religiões em diálogo, religiões em conflito. Controvérsias doutrinárias e práticas religiosas; Agentes mediadores e transferências políticas e culturais; Difusões e interações de saberes técnicos e artísticos. Renovações artísticas e heranças estéticas.

Deste colóquio internacional deixamos o balanço breve feito pela professora **Dejanirah Couto**: “O colóquio teve por objectivo apresentar as mais recentes investigações nesta área de investigação, a dos ‘olhares cruzados’ entre a cultura japonesa e as culturas europeias, pondo em destaque a dimensão colonial destas últimas. As diversas comunicações, eruditas e de uma grande coesão temática, abrangeram assim um leque muito extenso de temas, tratando não só do encontro dualista entre o Japão e a Península Ibérica,

mas também das possessões portuguesas e espanholas na Índia, na China, no México e nas Filipinas. Outras intervenções abrangeram as relações da Holanda com o Japão no século XVII ou a descoberta da Rússia pelos japoneses, no século XVIII.

A dinâmica das interações culturais, bem explicitada pelo texto de acompanhamento do programa, privilegiava a circulação e mestiçagem das ideias, dos homens e dos objectos. Neste último caso, a História de Arte constitui um precioso instrumento de trabalho, pois permitiu, através das diversas comunicações dedicadas à descodificação da arte namban, uma reflexão aprofundada sobre a temática de fundo. O estudo dos modelos europeus, presentes na arquitectura e na paisagística japonesas, completaram este riquíssimo painel, ilustrando de modo irrefutável a paternidade destas interações e hibridismos culturais o advento da chamada modernidade japonesa.

O lançamento, em Janeiro de 2009, de um seminário pluri-disciplinar consagrado à presença portuguesa no Oriente e à História da Ásia, seminário aberto a estudantes, doutorandos e investigadores das universidades francesas, prolongará a acção deste colóquio, abrindo novas e prometedoras pistas a nível da colaboração internacional no domínio dos estudos asiáticos”. ■

AS 53 ESTAÇÕES DO TOKAIDO

25 Novembro de 2008 a 1 Março de 2009 | Museu Calouste Gulbenkian, Galeria de Exposição Permanente

O Tokaido (caminho do mar do Oriente) era a principal via terrestre do Japão feudal. Percorria cerca de 500 quilómetros entre a antiga capital imperial, Quioto, e a verdadeira capital, Edo (Tóquio), capital militar dos Tokugawa. As 53 estações situadas ao longo do caminho, sem contar com a do início e do fim, abrigavam as comitivas dos senhores feudais bem como todos os viajantes, mercadores, peregrinos e camponeses. Viajar nesta estrada era uma aventura cheia de surpresas, riscos e dificuldades, também pelas intempéries que, particularmente no Inverno, assolavam a região. O caminho do Tokaido teria provavelmente caído no esquecimento se não tivesse sido immortalizado pelos maiores mestres da arte da estampa japonesa.

A série de gravuras Estações do Tokaido, adquirida por Calouste Gulbenkian, integra-se no conjunto de cerca de 200 estampas japonesas dos séculos XVIII e XIX que se encontra

habitualmente em reserva por razões de conservação. Assinadas por três grandes mestres Hiroshige (1797-1858), Kunisada (1786-1865) e Kuniyoshi (1797-1861), as 55 estampas, editadas em 1845, por diferentes editores, ilustram lendas e contos relacionados com as estações do Tokaido.

Este conjunto estará exposto na Galeria de Exposição Permanente do Museu Calouste Gulbenkian de 25 de Novembro a 8 de Março de 2009.

Por questões de conservação, a apresentação sequencial da totalidade desta série terá de ser rotativa, embora o público tenha acesso, através de uma projecção interactiva, à visualização das estampas em falta. Mensalmente será substituído cada conjunto de 18 estampas. A primeira, referente à estação de Nihonbashi, marca o ponto de partida na ponte de Nihon, em Edo, e a última, a 55ª, a estação de Quioto, na ponte desta cidade. ■



OS CARTAZES DE MICHEL FRANÇOIS

6 de Novembro de 2008 a 22 de Fevereiro de 2009

Centro de Arte Moderna, Galeria de Exposições Temporárias
Entrada livre

Ao longo dos últimos 14 anos, o artista belga Michel François tem vindo a expor imagens fotográficas de grande impacto visual, impressas sob a forma de cartazes de grande dimensão (180 x 120 cm). Para além de expostas, estas imagens são distribuídas em larga quantidade e afixadas em locais públicos, engendrando um fenómeno “de contaminação das imagens e de encontros fortuitos” (nas palavras do artista) que faz intrinsecamente parte da obra. A presente exposição reúne todas as imagens já editadas e acrescenta uma nova, expressamente produzida para esta mostra, num total de 40 obras. Michel François trabalha neste projecto com o artista belga Richard Venlet, autor dos dispositivos de apresentação destas criações.

A nova imagem, tal como noutras apresentações, será oferecida aos visitantes da exposição e será também visível em trinta mupis espalhados pela cidade de Lisboa.

Nascido em 1956, Michel François tem marcado uma forte presença na cena artística internacional ao longo das duas últimas décadas.

“40 Cartazes em Exposição, 1994-2008” pode ser visitada até 22 de Fevereiro de 2009. ■



ARTE BRASILEIRA LEVA CURADORES INTERNACIONAIS AO CAM

Os curadores Paulo Venancio Filho (20 Novembro), Paulo Herkenhoff (27 Novembro) e Guy Brett (4 Dezembro) vão participar num ciclo de conferências sobre arte brasileira a pretexto da exposição *Horizontes* de Waltercio Caldas, patente no Centro de Arte Moderna até 4 de Janeiro. Venancio Filho fará uma comunicação sobre Waltercio Caldas e a sua geração, Herkenhoff falará sobre o Neoconcretismo e Brett propõe como tema os artistas Lygia Clark e Hélio Oiticica. As sessões, de entrada livre, realizam-se sempre às 18h30 na Sala Polivalente do CAM.

A abrir este conjunto de iniciativas, no dia 4 de Novembro, às 18h, é lançado o livro *Horizontes*, com uma conversa entre os artistas Waltercio Caldas e Ângelo de Sousa, moderada por Jorge Molder. A partir do dia 6 de Novembro e até dia 7 de Dezembro, realiza-se um ciclo de projecção de vídeos sobre artistas brasileiros contemporâneos, às quintas e sextas-feiras, das 14h00 às 18h00, e aos sábados e domingos, das 13h00 às 18h00, na sala das Tapeçarias do CAM. ■

ZOBERNIG DA TATE ST IVES PARA O CAM

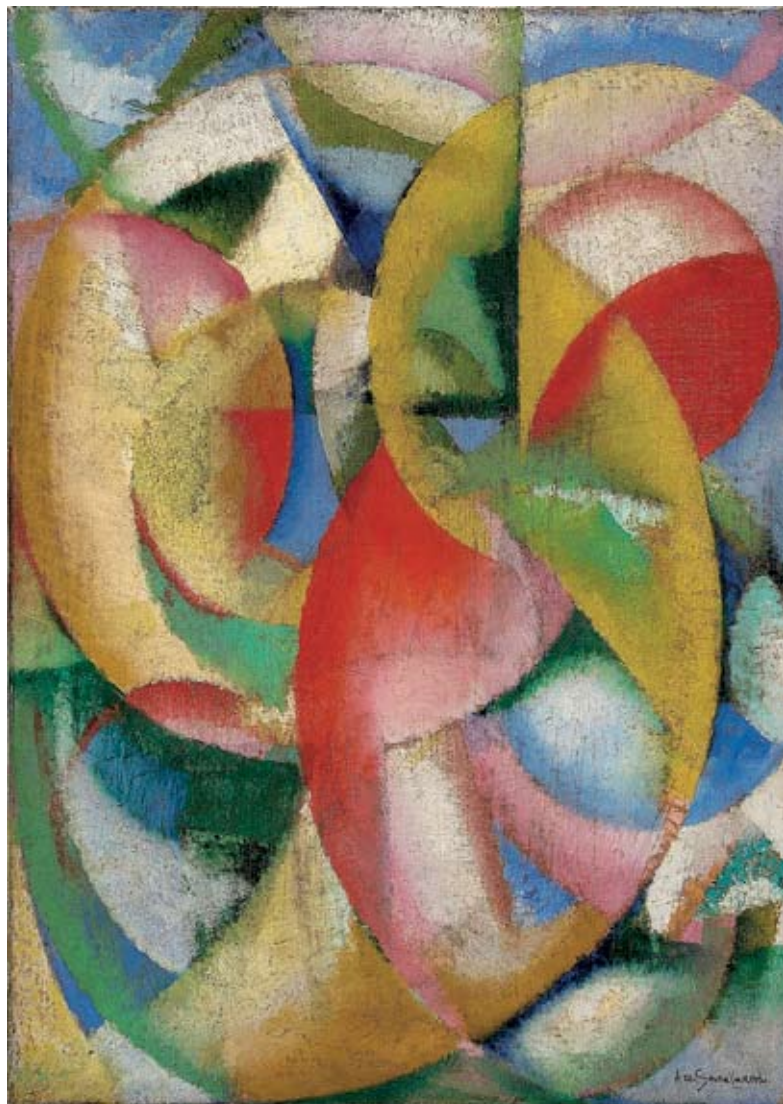
Várias obras da colecção do Centro de Arte Moderna (CAM) estão expostas na Tate St. Ives, na Cornualha, no âmbito de uma exposição do artista austríaco Heimo Zobernig. Até 11 de Janeiro, podem ver-se trabalhos de Paula Rego, Henry Moore, Jorge Vieira, Vítor Pomar, Sérgio Pombo, Gonçalo Duarte e Peter Sledgley, juntamente com obras de Zobernig dos últimos 25 anos e ainda com obras-primas da Tate, de artistas como Pablo Picasso, Carl Andre, Oskar Kokocha, Marcel Duchamp e Kurt Schwitters. Esta mostra será apresentada no CAM, entre de 10 Fevereiro e 24 de Maio do próximo ano, adaptada ao espaço e em diálogo com a sua colecção. A ideia desta mostra é precisamente ser implicada nas colecções das duas instituições, numa dinâmica de contrastes e afinidades. O comissariado é de Jürgen Bock. ■



AMADEO

EXPOSTO EM MADRID

Duas obras de Amadeo de Souza-Cardoso da colecção do Centro de Arte Moderna, *O Príncipe* e *a Matilha*, de 1912 e uma pintura abstracta, sem título, de 1913, integram a mostra 1914! *La Vanguardia y la Gran Guerra*, organizada e apresentada em conjunto pelo Museu Thyssen e a Fundação Caja Madrid. Inaugurada em Outubro, a exposição, estendida aos dois espaços e composta por 222 obras, ilustra os principais movimentos desse período crítico da História da Humanidade que correspondeu a uma fase de grande exuberância criativa. Movimentos como o futurismo, o cubismo, expressionismo, o vorticismo ou a primeira abstracção, aparecem aqui como distintos aspectos de um único impulso criativo, de que Amadeo faz parte, juntamente com Brancusi, Kupka, Otto Dix, Egon Schiele, Klee, Zadkine e Chagall, entre muitos outros. Para além das obras expostas, o catálogo editado reproduz ainda várias imagens do livro manuscrito e ilustrado por Amadeo, *La Légende de St Julien l'Hospitalier*, de Gustave Flaubert, recentemente fac-similado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Os textos incluem análises detalhadas à obra do artista. As opções de montagem do curador, Javier Arnaldo, aproximando Amadeo de Brancusi e de Franz Marc, são reveladoras da requalificação da obra do artista e do seu lugar na história de arte das vanguardas internacionais. A exposição pode ser visitada até 11 de Janeiro, no Museu Thyssen. ■



Sem título, 1913

O MUNDO NUM MINUTO



back&forward, Yella (One Minutes PT 2007)

Na sequência da realização do Workshop One Minutes PT, que vai decorrer entre 3 e 7 de Novembro na Fundação Gulbenkian, e em que participam vinte artistas com a produção de vídeos de um minuto, será feita uma projecção pública de todos os filmes a 8 de Novembro, no Auditório 3. Nesse dia será também inaugurada a instalação **Kaiser Panorama**, no Hall de Congressos da Sede da Fundação. The One Minutes Foundation, organização com sede em Amesterdão, concebeu este projecto de cinema experimental especialmente para poder mostrar em permanência e em simultâneo, através de 12 monitores, várias selecções de vídeos internacionais de um minuto relacionadas com um determinado conjunto de países ou temas. The One Minutes Foundation promove a produção de trabalhos audiovisuais com um minuto exacto de duração para programas de televisão, *websites*, exposições, festivais, conferências, lançamentos, e projectos para telefones móveis. ■ <http://www.theoneminutes.org>

A NOSSA LITERATURA DO MUNDO

A 4 de Janeiro, termina a exposição **Weltliteratur – Madrid, Paris, Berlim, São Petersburgo, o Mundo!** que tem atraído milhares de visitantes à Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian. Inaugurada no dia 30 de Setembro, na presença do Ministro dos Assuntos Parlamentares, Augusto Santos Silva, e da primeira-dama, Maria Cavaco Silva, a exposição apresenta textos literários, documentos inéditos, pintura, escultura, vídeo e outras imagens, estabelecendo nexos e por vezes algumas tensões entre eles. Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, Camilo Pessanha, Teixeira de Pascoaes, Vitorino Nemésio e Jorge de Sena são os escritores representados na exposição e também no catálogo que a acompanha. Da autoria do designer João Bicker, o catálogo da exposição abre com o prefácio de Emílio Rui Vilar, a que se seguem os textos de António M. Feijó, João R. Figueiredo, Abel Barros Baptista, Fernando Cabral Martins, Fernando J. B. Martinho, Richard Zenith e Gustavo Rubim.

Em referência aos escritores que compõem a exposição, o comissário António M. Feijó escreve: “Todos estes nomes são do lugar, e excedem o lugar. Na sua magnitude definem-no e excedem-no. São por isso parte do que, por brevidade de expressão, se pode designar por literatura do mundo.” Para falar do mundo, da literatura e outros tantos temas, prossegue o ciclo de conferências paralelo à exposição. ■



CICLO DE CONFERÊNCIAS

AUDITÓRIO 3, 18H

5 DE NOVEMBRO
Rui Vieira Nery

12 DE NOVEMBRO
Maria Filomena Mónica

15 DE NOVEMBRO
Rui Ramos

19 DE NOVEMBRO
Eduardo Batarda

22 DE NOVEMBRO
V. S. Naipaul

26 DE NOVEMBRO
Vasco Graça Moura

29 DE NOVEMBRO
José Pacheco Pereira

3 DE DEZEMBRO
Filomena Molder

6 DE DEZEMBRO
Luísa Costa Gomes

10 DE DEZEMBRO
Pedro Mexia

13 DE DEZEMBRO
Frederico Lourenço

17 DE DEZEMBRO
Teresa Beleza



FERNANDO PESSOA E CONSTANTINE CAVAFY O ENCONTRO IMAGINÁRIO

O documentário sobre um encontro imaginário de Fernando Pessoa com o poeta grego Constantine Cavafy, realizado por Stelios Charalambopoulos, recebeu apoio da Fundação Gulbenkian. O escritor Antonio Tabucchi acompanhou a produção, referindo-se ao filme como “uma ponte cultural que atravessa toda a Europa para unir Portugal e Grécia através de dois grandíssimos poetas”. O documentário rodado em Lisboa, Alexandria, Istambul, Durban e Londres, será exibido, no próximo ano, na Fundação. Pessoa e Cavafy surgem lado a lado numa das salas da exposição *Weltliteratur. Madrid, Paris, Berlim, São Petersburgo, o Mundo!*, a ilustrar um dos tópicos da mostra. ■

SEDE DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN DECLARADA EDIFÍCIO SAUDÁVEL

DESTAQUE

Exemplar a muitos títulos, o edifício da Sede da Fundação Gulbenkian, projectado pelos arquitectos Pedro Cid, Ruy Athouguia, e Alberto Pessoa, está a passar por uma transformação profunda. Embora (quase) invisível aos olhos do público, a melhoria da qualidade do ar interior e o consumo mais eficiente de energia têm constituído uma forte aposta desta instituição, que procura assim incorporar no seu funcionamento os novos valores de sustentabilidade e de respeito pelo meio ambiente. Não existindo ainda um mecanismo *standard* internacional para declarar um edifício “Saudável”, nem regulamentação ou legislação conhecida que consagre formalmente tal Declaração, a Sede da Fundação Gulbenkian cumpre porém vários pressupostos entendidos como fundamentais neste domínio, tendo assim obtido uma certificação de qualidade, assinada em nome pessoal por Eduardo de Oliveira Fernandes, Professor Catedrático da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. No dia 23 de Setembro, a Sede da Fundação foi declarada “Edifício Saudável”, um caso único em Portugal. Oliveira Fernandes crê no entanto “que haja outros edifícios que possam reclamar-se dessa designação, mas que não se submeteram ao procedimento.”

CRITÉRIOS DE SAÚDE PÚBLICA E ÉTICA AMBIENTAL

Após a laboriosa execução de auditorias ambientais ao edifício e às redes de sistemas energéticos, e a avaliação exaustiva das características dos materiais existentes, foi

elaborado um plano faseado de acção. Para o processo de remodelação do edifício, uma série de requisitos teria de ser satisfeita, contemplando a utilização de novos materiais não poluidores, níveis mínimos de renovação de ar e a análise obrigatória da qualidade do ar, até pela necessidade de prevenir doenças comuns nos edifícios como a Doença do Legionário. Assim, a renovação do edifício, construído no final dos anos 60, começou pela substituição de materiais nos pisos de gabinetes, nas salas de congressos, e noutros espaços, onde se manteve, praticamente, apenas a estrutura, dado tratar-se de um edifício classificado (Prémio Valmor em 1975, Monumento Nacional em 2007), o que condiciona este processo, explica Osório Tomás, responsável pelas instalações técnicas da Fundação. No respeito pelo impacto ecológico, actualmente é sempre tida em conta a origem dos materiais; por exemplo, não é indiferente o facto da madeira utilizada provir das florestas da Amazónia ou de uma estufa-fria. Existe uma ética ambiental subjacente a todas as opções. À excepção dos materiais nobres existentes no edifício, como a madeira, o latão oxidado, e o cobre, que se recuperam mas não são substituídos, tudo o resto foi renovado: instalações eléctricas, segurança, ar condicionado, alcatifas e revestimentos. A renovação da Sede fez-se de acordo com novas práticas construtivas que escrutinam “milhares de novas substâncias químicas que cada ano são postas no mercado e que se manipulam sem a plena responsabilidade social”, como alerta Oliveira Fernandes.



QUALIDADE DO AR INTERIOR

Os produtos utilizados na manutenção e limpeza do edifício também foram analisados e substituídos para que não possam constituir riscos para a saúde, especificamente do foro respiratório. Mas a condição necessária para que um edifício possa respirar saúde é a total erradicação do fumo do tabaco. Em 2007, já não era permitido fumar em grande parte dos espaços interiores da Fundação. A partir de Janeiro de 2008, altura em que entrou em vigor a Lei Anti-Tabaco, o fumo foi então completamente eliminado. Outra grande transformação está actualmente concluída: a renovação da central de ar condicionado do Museu Gulbenkian, onde foram colocados analisadores da qualidade do ar. Também

este Verão foram terminados na Sede da Fundação os trabalhos nos camarins, junto do Grande Auditório, utilizando materiais não poluentes. A monitorização é permanente com a realização de auditorias anuais para medir a qualidade do ar interior, e mensalmente fazem-se análises que permitem detectar a presença da bactéria *Legionella*. E nada é estático, como salienta Osório Tomás: “Nos trabalhos de limpeza, manutenção, reparação, irão surgir sempre melhores formas, filtros, produtos.”

CONSUMO DE ENERGIA: QUANTO, QUANDO, ONDE

A primeira medida no sentido da eficiência é o controlo. Saber quanto, quando e onde se consome é indutor de poupança de energia. Em Janeiro do ano passado, com a entrada em funcionamento de equipamentos de contagem parcial de energia, foi possível obter essa informação. A partir do conhecimento desses dados fundamentais e com a existência de um Sistema de Gestão Técnica Centralizada, cada vez mais abrangente e que permite a operação dos sistemas de forma automática, foi possível uma poupança significativa no que diz respeito à exploração dos equipamentos de produção e distribuição de energia térmica.

É no funcionamento do ar condicionado que o consumo de energia é mais expressivo. A refrigeração ou o aquecimento do ar interior nos espaços é feita através da circulação de água quente e água fria e, uma vez que produzir água fria para arrefecer o ar é muito dispendioso, foram tomadas várias medidas. Sem entrar em grande detalhe técnico, Osório Tomás explica que a questão do ganho energético tem a ver com o jogo entre temperaturas de ar interior e



Jose Manuel Costa Alves



José Manuel Costa Alves

exterior. Se para fazer água fria (através de um *chiller*) é libertado calor, então, com o novo equipamento, e sempre que possível, essa energia deixa de ser desperdiçada, através de um *chiller* de recuperação. Ainda continua a ser lançado calor para o ambiente (não há como evitá-lo), mas agora consegue-se reaproveitar uma parte para o aquecimento. Consideremos agora o Grande Auditório, que em dias de espectáculo pode albergar cerca de um milhar de pessoas. As máquinas que arrefecem o ar têm duas possibilidades: ou retiram o ar do interior para ser filtrado e voltar a entrar, ou então, se a temperatura do exterior for suficientemente baixa, poderá ir aí buscá-lo. Através da Gestão Técnica Centralizada, o sistema funciona de forma automática e inteligente, ajustando o funcionamento dos equipamentos com a maior eficiência possível de acordo com as necessidades. A Fundação Gulbenkian conseguiu assim, relativamente a 2006, uma redução de 16% no consumo de energia. Estima-se que esta redução possa alcançar os 25% nos próximos anos.

WORK IN PROGRESS

Até ao final de 2010 está prevista a conclusão do processo de substituição das centrais de ar condicionado. A instalação de detectores de movimento para controlo da iluminação e a optimização do tempo de funcionamento dos equipamentos foram outras medidas implementadas para cumprir o programa de racionalização de consumos energéticos, implementado no início de 2007. Substituíram-se lâmpadas incandescentes por fluorescentes compactas, que gastam um quinto da energia relativamente às primeiras. Nos corredores, espaços de fotocópias, casas de banho, foram colocados detectores de presença. E a renovação do edifício mantém-se em curso. Está também em estudo a possibilidade de aproveitar a energia solar, aquecendo água (energia térmica) ou produzindo electricidade através de painéis fotovoltaicos. Um edifício saudável faz-se de inovação. ■

FESTA DOS LIVROS EM NOVO ESPAÇO

De 27 de Novembro a 23 de Dezembro

Loja do Museu

todos os dias das 10h00 às 20h00

As edições da Fundação Gulbenkian vão estar de novo em destaque na Festa dos Livros. Este ano, a Festa muda-se para o edifício do Museu e da Biblioteca de Arte onde serão expostos os livros para venda e também outros produtos. A Festa estará aberta todos os dias, das 10h00 às 20h00, a partir de 27 de Novembro. ■

TRÊS PRÉMIOS PARA EDIÇÕES DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

História de Livros para a História do Livro de José Vitorino de Pina Martins foi o vencedor do Prémio Pen Clube, na categoria de ensaio. O júri, constituído por António Cândido Franco, Eugénio Lisboa e Maria João Reynaud, distinguiu a obra editada pela Fundação Gulbenkian, em conjunto com a de António M. Machado Pires, *Luz e Sombras no Século XIX em Portugal* (INCM).

Outro prémio atribuído foi o de ensaio Jacinto do Prado Coelho. José Pedro Serra e Carlos Ascenso André vão partilhar os cinco mil euros do galardão atribuído pela Associação Portuguesa dos Críticos Literários. José Pedro Serra assina a obra *Pensar o Trágico: Categorias da Tragédia Grega*, co-editado pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Fundação para a Ciência e Tecnologia. O júri foi constituído por Fernando J. B. Martinho, Helder Godinho e Fernando Pinto do Amaral.

A União Latina distinguiu também a Fundação com o prémio de tradução científica e técnica em Língua Portuguesa, pela tradução de Adriana Silva Graça da obra *Introdução à Filosofia Matemática*. ■

PATRIMÓNIO PORTUGUÊS NO ESTRANGEIRO EM IMAGENS

Portugal, tão longe é um livro de fotografia com mais de duas centenas e meia de páginas que percorrem cinco séculos de história da Europa à Ásia, África e América do Sul. Da autoria de Rui Ochôa, o livro regista os projectos de intervenção e recuperação do património português no estrangeiro, realizados pela Fundação Gulbenkian. Captadas pelo olhar do fotógrafo, ao longo de oito anos, as imagens mostram a sinanoga de Amesterdão, o Palácio Vilhena (Malta), a torre de menagem de Arzila e a catedral de Safim (Marrocos), o Forte de São João Baptista em Ajudá (Benim), o Forte de Jesus em Mombaça (Quénia), a fortaleza de Ormuz (Irão), os museus de Goa e de Cochim, o forte de Galle e Batticaloa (Sri Lanka), a Igreja do Santo Rosário em Dacca (Bangladesh), cemitério e ruínas da igreja de Ayutthaya (Tailândia), a fortaleza de Malaca (Malásia), o Palácio da Água em Yogyakarta (Indonésia), a fortaleza e museu na Colónia de Sacramento (Uruguai), uma pintura mural em São Luís do Maranhão (Brasil). A obra, publicada pela Editora Alêtheia, foi lançada na Fundação, no dia 27 de Outubro. ■

RUI OCHÔA

Portugal, tão longe



PORTUGAL, SO FAR AWAY



WWW.FLICKR.COM/PHOTOS/BIBLARTE

Três meses depois de ter começado, o projecto de divulgação de fotografias da Biblioteca de Arte no FLICKR é já um sucesso. As estatísticas revelam **mais de 100 mil visualizações**, 315 membros do Flickr que se inscreveram como contactos, com visitantes de todo o mundo, desde os Estados Unidos à China, para além de um número significativo de portugueses a residir no estrangeiro. De acordo com os resultados publicados recentemente pelo barómetro E.Life Seara.com/Meios & Publicidade, que analisa as “marcas” mais referidas na blogosfera portuguesa, a Fundação Calouste Gulbenkian conquistou o primeiro lugar. Como se afirma na notícia publicada no sítio da Web da revista Meios & Publicidade, “a Fundação Calouste Gulbenkian demonstrou que, para se captar as atenções do público que navega na Internet, o mais importante é dominar as ferramentas da própria rede”. Na verdade, prossegue a notícia, “a este resultado não é alheia a estratégia da fundação, que em Julho deste ano disponibilizou no Flickr – uma rede social de partilha de fotografias – mil imagens do espólio da Biblioteca de Arte da Gulbenkian. Neste mês, os comentários gerados na Web dispararam para mais do dobro da média obtida anteriormente” (<http://tinyurl.com/3s9zbw>).

O projecto partiu da adesão da Biblioteca de Arte ao Flickr e ao projecto COMMONS, que possibilitou a divulgação das colecções fotográficas da Biblioteca de Arte nesta rede. O desenvolvimento do projecto passou pela publicação sistemática e regular de novos conteúdos, com 2175 imagens disponíveis actualmente. Passou ainda pela implementação de uma estratégia de divulgação desses conteúdos dentro da comunidade Flickr, através da adesão a grupos de interesse nesta área: a Biblioteca de Arte participa em 46 grupos que reúnem milhares de pessoas interessadas em assuntos tão diversos como: arquitectura, azulejaria, arte românica e gótica, igrejas e conventos, centros históricos de cidades, etc. ■

MÉRITO PARA EDUARDO LOURENÇO

Eduardo Lourenço recebeu a Medalha de Mérito Cultural, atribuída pelo Governo português, no decorrer do Congresso Internacional que lhe foi dedicado no passado mês de Outubro e que assinalou os 85 anos do ensaísta, actual administrador não executivo da Fundação Calouste Gulbenkian. A distinção foi entregue pelo ministro da Cultura, José António Pinto Ribeiro, constituindo um reconhecimento do seu vasto contributo, ao longo de mais de seis décadas de actividade. Esta iniciativa, organizada pelo Centro Nacional de Cultura, reuniu especialistas de várias áreas, testemunhando o seu espírito heterodoxo e multifacetado. A foto regista o momento da atribuição da distinção. ■



FUNDAÇÃO É MEMBRO HONORÁRIO DA ORDEM DOS ARQUITECTOS

A Fundação Calouste Gulbenkian é a partir de agora Membro Honorário da Ordem dos Arquitectos, pelo seu importante contributo para a defesa, promoção e divulgação da arquitectura e dos arquitectos Portugueses. A cerimónia de atribuição do título decorreu a 6 de Outubro, Dia Mundial da Arquitectura, na sede nacional daquela Ordem, tendo o presidente da Fundação, Emílio Rui Vilar, recebido o diploma alusivo das mãos do presidente da Ordem, João Belo Rodeia. ■

NOVO PROGRAMA DE INTEGRAÇÃO PROFISSIONAL DE MÉDICOS IMIGRANTES



Decorrem até 25 de Novembro as candidaturas ao programa de Integração Profissional de Médicos Imigrantes. Este programa pretende incorporar no Serviço Nacional de Saúde 150 médicos imigrantes que se encontrem a residir legalmente em Portugal e a exercer actividades diversas da sua formação. A primeira iniciativa nasceu em 2002, quando a Fundação Gulbenkian criou o Reconhecimento de Habilitações de Médicos Imigrantes, através do qual 106 médicos obtiveram equivalência para as suas habilitações académicas e autorização para o exercício da Medicina em Portugal. O modelo é agora replicado num novo programa financiado pelo Ministério da Saúde, coordenado pela Fundação e executado pelo Serviço Jesuíta aos Refugiados.

A cerimónia de assinatura do protocolo que formalizou este programa realizou-se na presença da ministra da Saúde, Ana Jorge, e do presidente da Fundação, Emílio Rui Vilar. Assinaram o documento o presidente do Conselho Directivo da Administração Central do Sistema da Saúde, I. P., Manuel Ferreira Teixeira, a administradora da Fundação, Isabel Mota, e o director do Serviço Jesuíta aos Refugiados, André Jorge (na foto). ■

MÉDICOS EM FORMAÇÃO AVANÇADA

Os dez médicos escolhidos para a 1ª edição do Programa de Formação Médica Avançada já iniciaram a sua formação. Lançado a 1 de Outubro, o Programa teve uma aula inaugural pelo professor Lucio Luzzatto, director científico do Istituto Toscano di Tumori, na presença da ministra da Saúde. Nesta sessão, a administradora da Fundação Gulbenkian Isabel Mota exprimiu a satisfação pelo início do Programa, bem como a esperança de que o mesmo possa contribuir para o surgimento de uma nova geração de clínicos-investigadores, cientificamente preparados para vencerem os desafios da investigação médica contemporânea, colocando-a ao serviço dos doentes.

Este é um programa doutoral dirigido a médicos clínicos, com o objectivo de proporcionar oportunidades de formação científica de alto nível aos médicos interessados em aliar a sua actividade assistencial à investigação. O PGFMA conta com a colaboração da Fundação Champalimaud. ■

ETHOS-PRÉMIO DE BIOÉTICA ATRIBUÍDO A HENK TEN HAVE

O primeiro Prémio de Bioética ETHOS, criado pelo Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa e pela Fundação Calouste Gulbenkian, foi atribuído ao médico e filósofo holandês Henk ten Have. Professor catedrático, autor de uma vasta obra de mais de duas dezenas de livros e centenas de publicações, Henk ten Have é director da Divisão de Ética, Ciência e Tecnologia da UNESCO. A primeira edição do ETHOS – Prémio de Bioética teve como tema a Declaração Universal de Bioética e Direitos Humanos da UNESCO e contou com o alto patrocínio da Comissão Nacional daquela organização. O prémio foi entregue pelo presidente da Fundação, Emílio Rui Vilar, numa sessão em que Marcelo Rebelo de Sousa proferiu um discurso de homenagem ao premiado, aproveitando a ocasião para distinguir o fundador do Instituto de Bioética, Walter Oswald. ■

IMAGENS DO ESTRANGEIRO NO DIÁRIO DE MIGUEL TORGA

DORA MARIA NUNES GAGO



A pesar de ser essencialmente conhecida pela ligação à terra e às raízes e pela sua forte consciência de “ser português”, a obra de Miguel Torga é aqui analisada sob um ponto de vista diferente: o seu teor universalista. O estudo realizado por Dora Maria Nunes Gago deixa o telurismo de lado, para se focar em assuntos como as viagens de Torga pelo mundo e os autores estrangeiros que ele leu e que o influenciaram, como é o caso de Miguel de Cervantes e Fiódor Dostoiévski. As viagens feitas pelo escritor são consideradas pela autora como uma forma de enriquecimento e desenvolvimento pessoal e interpessoal, ou seja, de definição da identidade do Eu e do Outro, uma busca constante na obra de Torga. Desta forma, os 16 volumes que compõem o Diário de Miguel Torga e que constituem o corpus desta investigação são aqui descritos como obra de “ressonância universal”. Esta dissertação de doutoramento sobre as imagens do estrangeiro que o olhar de Torga nos fornece é uma publicação de inestimável valor para os estudos de Literatura Comparada e Teoria da Literatura. ■

PARA UMA ESCOLA SEM VIOLÊNCIA ESTUDO E PREVENÇÃO DAS PRÁTICAS AGRESSIVAS ENTRE CRIANÇAS

BEATRIZ OLIVEIRA PEREIRA



O *bullying* é uma forma de agressividade frequente nos recreios das escolas, e cujos efeitos são desastrosos para o desenvolvimento psicológico do agredido e do agressor. A presente publicação, já na sua segunda edição, apresenta um estudo exaustivo, com base em diversos questionários às crianças e aos educadores, sobre esta forma particular de violência escolar. No entanto, não se limita a apresentar números e factos. Beatriz Oliveira Pereira analisa resultados e propõe soluções “para uma escola sem violência”. O melhoramento dos recreios e a criação de ludotecas foram algumas das soluções encontradas e, posteriormente, postas em prática em escolas do concelho de Guimarães, com o apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian. ■

PARA UMA CORRECTA GESTÃO DAS PESCAS

Sónia Olim*

34 anos

Área: Biologia Pesqueira



COMO É ESTUDAR EM BARCELONA NO INSTITUTO DE CIÊNCIAS DO MAR?

O que me levou a escolher o Instituto de Ciências do Mar de Barcelona foi o facto de uma das principais linhas de investigação se encontrar focada na assessoria e gestão dos recursos marinhos comerciais ou susceptíveis de serem comercializados. Os investigadores ligados a este instituto têm investido na aplicação e desenvolvimento de modelos ecológicos e bioeconómicos e nas técnicas de avaliação dos recursos pesqueiros.

A minha expectativa antes da atribuição desta bolsa era bastante elevada, a atribuição da mesma permitiu-me contactar com alguns dos melhores investigadores nesta área, tendo sido uma mais-valia para a minha linha de investigação. E até agora tem superado tudo aquilo de que estava à espera.

Além do que a cidade é fantástica, com um sistema de transportes funcionais, programas culturais invejáveis e pessoas extremamente hospitaleiras.

QUAL O PROJECTO QUE A OCUPA?

Desde que acabei a licenciatura em Biologia Marinha e Pescas, na Faculdade de Ciências do Mar e Ambiente, da Universidade do Algarve, que tenho trabalhado como bolsista em projectos de investigação ligados à problemática das rejeições, capturas acessórias e biodiversidade das pescas na costa Algarvia.

De forma sucinta, as rejeições compreendem todo o material biológico (peixes, crustáceos, moluscos, etc.) que é deitado fora numa operação de pesca, maioritariamente por não possuírem valor comercial, ou por não apresentarem os tamanhos mínimos de comercialização. Em Portugal, podemos dividir a pesca de arrasto em duas artes: arrasto de peixes e arrasto de crustáceos, o meu estudo debruça-se

sobre o último. As rejeições nesta arte rondam os 60-80 por cento da captura total. Estas tornam-se ainda mais problemáticas no caso dos juvenis de espécies comerciais, neste caso do Lagostim (*Nephrops norvegicus*), da Gamba (*Parapenaeus longirostris*) e do Camarão Vermelho (*Aristeus antennatus*), que são rejeitados e que não entram nos dados estatísticos de pesca, nem nas simulações de determinação de stocks.

O objectivo deste estudo é contribuir para o conhecimento da biodiversidade nos arrastos de crustáceos, e criar modelos capazes de prever o real estado dos recursos comerciais explorados. Esta área de estudo é considerada prioritária para uma correcta gestão das pescas, verificando-se que cada vez mais países estão a preocupar-se com a perda destes recursos.

E DEPOIS DO DOUTORAMENTO?

É um pouco complicado falar do futuro, mas, para já, gostaria de prosseguir a minha investigação e acabar o meu doutoramento com a criação de um modelo de gestão que seja real e aplicável às nossas pescas, e que nos permita perceber quais as medidas necessárias para continuarmos a ter recursos sustentáveis. ■

* Depoimento recolhido por escrito. Bolsista do Serviço de Educação e Bolsas no Instituto de Ciências do Mar de Barcelona

O CONCEPTUALISMO NA ARTE AFRICANA

Luísa Santos*

28 anos

Área: Curadoria de Arte Contemporânea



O QUE A LEVOU A OPTAR POR ESTA ÁREA?

A arte contemporânea pode ser lírica, épica, provocadora e causar mal-estar. Contudo, estas características fazem da arte contemporânea algo de inspirador e interessante, tanto social como cultural e politicamente. Ao longo da licenciatura e durante o meu percurso, antes de iniciar o mestrado em Curadoria de Arte Contemporânea, apurei uma curiosidade quanto aos modos de expressão deste tipo de arte e das suas preocupações e ideias quanto ao mundo actual em que vivemos.

O meu interesse, ao ter iniciado este mestrado, baseou-se na minha vontade em apresentar e facilitar a produção de novos trabalhos, bem como em perceber como trocas entre países podem funcionar através de programas de intercâmbios, residências para projectos on-site e exposições. Com o apoio, fundamental, da bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian, iniciei, no segundo ano do mestrado, os projectos em que estou agora envolvida e, numa primeira fase, intercâmbios entre artistas portugueses e dinamarqueses.

E QUE TRABALHO DESENVOLVE?

A minha tese tem como título *Conceptualism in Contemporary South African Photography*. A principal questão colocada por esta tese é: até que ponto podemos falar de conceptualismo na arte africana? Esta questão sugere outras questões, como: se podemos falar de conceptualismo em África, quais são os seus pressupostos? São os mesmos dos ocidentais? E quando aconteceu o conceptualismo em África? Existe um legado do conceptualismo na arte contemporânea em África? Dada a complexidade dos anos 60 e 70 em África, podemos generalizar um movimento artístico a todo o continente ou existem, de facto, diferenças essenciais nas diferentes partes do território africano, dadas as diferentes preocupações e situações sociais, políticas e culturais?

QUE PROJECTOS TEM PARA A CONTINUAÇÃO DO SEU TRABALHO?

No decorrer de uma viagem a Copenhaga, em Junho de 2008, estive presente numa reunião com o galerista Jesper Elg, que me convidou a fazer a curadoria de uma exposição individual do fotógrafo dinamarquês Søren Sælker Starbird. Desde então, prosseguindo a minha investigação em fotografia e em intercâmbios culturais, estou a fazer esta exposição. Adicionalmente, encontro-me a escrever ensaios críticos sobre fotografia contemporânea para artistas como Andrew Daneman, fotógrafo americano residente em Copenhaga.

Estou agora envolvida num projecto relacionado com as diferenças e semelhanças entre Portugal e Dinamarca e acerca da forma como os artistas destes países expressam noções de lugar. No início do próximo ano, penso continuar estes projectos e trabalhar numa instituição, em Portugal ou noutro país, que me proporcione a possibilidade de manter e promover intercâmbios. ■

* Depoimento recolhido por escrito. Boleseira do Serviço de Belas-Artes no Royal College of Art, Londres



LÂMPADA CILÍNDRICA EGIPTO (OU SÍRIA)

Os vidros do Oriente Islâmico, adquiridos por Calouste Gulbenkian durante as primeiras quatro décadas de noventa, não abrangem períodos diversificados, quer do ponto de vista estético quer cronológico, em contraste com os outros núcleos de artes decorativas do Oriente às quais Gulbenkian dedicou também uma atenção especial, como os têxteis, a cerâmica e arte do livro. De facto, o núcleo de arte do vidro consta exclusivamente da produção do período Mameluco, dos séculos XIII e XIV, famosa pelos vidros dourados e esmaltados e na qual os artífices sírios e egípcios foram exímios, considerada pela generalidade dos especialistas como uma das mais importantes contribuições para a arte do vidro em geral e islâmica em particular. Na venda da Coleção Eumorfopolus, em Londres, após ter obtido os elementos relativos ao estado de conservação de determinados lotes em que estava interessado, Calouste Gulbenkian, adquiriu, através de M. Giraud-Badin na venda Sotheby de 5 e 6 de Junho de 1940, duas peças únicas pela decoração e morfologia: um vaso e uma lâmpada cilíndrica (geralmente as lâmpadas apresentam a forma de jarra com um corpo bojudo). Trata-se de dois exemplares raros: a lâmpada de forma cilíndrica com base plana e um aro saliente que servia pro-

vavelmente para suporte da estrutura metálica de suspensão. A decoração desta lâmpada está dividida em frisos horizontais determinados pela borda, pelo aro e pela base. O friso superior é interrompido por quatro medalhões com arabescos estilizados, baseados num motivo central trifoliado, pintado a vermelho, verde, azul e amarelo. Os frisos interligados encerram as fórmulas titulares de um sultão não nomeado. O friso inferior apresenta uma inscrição religiosa (*Ayat al-Isra'*, Alcorão 17:111), escrita em caracteres grandes azuis (*thuluth*) sobre um fundo de arabescos enrolados e floreados com folhas vermelhas e verdes. Este friso é delimitado por dois outros, nos quais alternam medalhões preenchidos com peónias contornadas a vermelho sobre fundo azul, com cartelas triangulares contendo arabescos e aves desenhadas com traço fino. ■ **Maria Queiroz Ribeiro**

Lâmpada cilíndrica

Egipto (ou Síria) período Mameluco, meados do século XIV
Vidro esmaltado e dourado

A.27,5 x Ø 21 cm

Inv.n.º.2377

SEDUZIR HELENA ALMEIDA

Vemos um corpo (sem cabeça) tornado um rectângulo: a inclinação dos pés para dentro, o corte da saia, toda a roupa caindo direita, em linhas rectas, os ombros direitos. Essa mancha de uma forma rígida, em que as três zonas de pele – pescoço, mãos e pernas – mostram a tensão das veias e dos ossos na definição de uma posição não natural, é interrompida por dois importantes pares de perturbação desse conjunto: o ângulo formado pelos braços dobrados, como duas setas apontadas em sentidos contrários, e os sapatos deitados no chão, cujas biqueiras pontiagudas são apontadas também em sentidos contrários. As duas estruturas geminadas começam por ser apenas o elemento dissonante em relação a uma geometria forçada, para passarem a ser, num segundo momento, agentes de uma transfiguração: as mãos são vistas numa posição que nos faz pensar numa ave, que faz dos braços asas, que os recolhe e encurta, que retorce as “patas”, como se de um ovo se tratasse. Esforçados num mesmo encurvamento, os pés também partilham essa condição com os tornozelos, tornados muito salientes, e com os dedos muito fechados. Mas tanto as mãos como os pés têm algo de raquítico ou de movimento atrofiado; enclausuram o organismo na nega-



ção da expressão e do movimento. Associada à ausência de rosto, esta imobilização transforma a pessoa fotografada em objecto escultórico, retira-lhe a sua alma de pessoa e sugere, por momentos, o seu potencial animal.

Os sapatos cumprem uma curiosa função de comentário a todas as disfuncionalidades referidas. Fora dos pés, deitados e apontados em direcções opostas, brilhantes do verniz, são como outras asas caídas, como uma contrariedade funcional tornada adorno imprevisto; tornam-se a única sinalização de uma exterioridade do corpo, o único elemento que a aponta.

O local é minimal: uma parede branca e um chão de grandes mosaicos; um lugar vazio e frio, favorável ao grande contraste com o preto da figura. Vista em contra-picado, ela instala-se numa das três faixas de chão visíveis, apreendidas em perspectiva, como um espantalho num campo ceifado. ■ *Leonor Nazaré*

Helena Almeida
Seduzir, 2002

194x129cm (c/moldura)
nº inv.: 02FP366

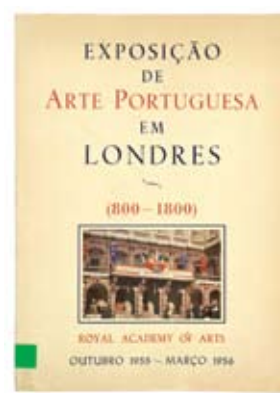
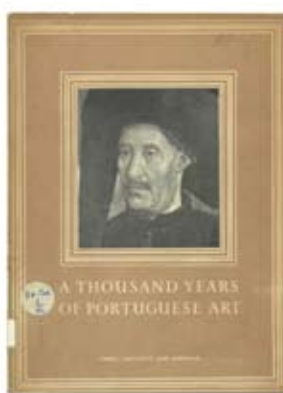
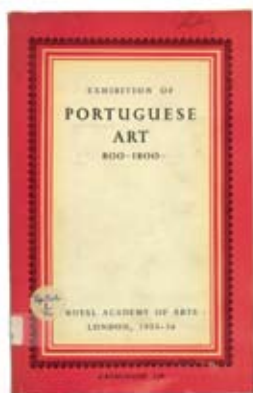
PORTUGUESE ART 800-1800

A exuberância decorativa pode ser uma forma de fuga das maneiras comedidas, como a extraordinária “expansão” das descobertas marítimas e longínqua criação de Império nos séculos XV e XVI foi um “escape” dum país relativamente pequeno e pobre para mares remotos e riquezas cintilantes.» Esta apreciação fazia parte do artigo escrito por Pierre Jeannerat, publicado no jornal britânico *Daily Mail*, em 29 de Outubro de 1955. Ela surgia a propósito da exposição *Portuguese Art 800-1800*, inaugurada dois dias antes em Londres, nas salas da Royal Academy, que nas palavras de Luís Reis Santos “constituiu, sem dúvida, a primeira grande revelação da arte portuguesa no estrangeiro, das suas características, particularidades, constantes e predominantes”. Evento importante na estratégia de propaganda do regime no contexto internacional, esta exposição terá nascido no início de 1955 de uma conversa entre o presidente da instituição londrina, o arquitecto Albert Richardson, e Pedro Teotónio Pereira, à época embaixador de Portugal no Reino Unido, que a apresentou ao Governo de Lisboa. Acolhida favoravelmente, coube ao Secretariado Nacional de Informação (SNI) a responsabilidade de formar uma comissão para sua realização. A tarefa não se afigurava fácil porque o prazo para a elaboração do plano expositivo, a selecção das peças e a organização do catálogo era de cerca de três meses. Apesar deste constrangimento, Reinaldo dos Santos, nomeado presidente da Comissão – que integrava ainda

os historiadores Mário Tavares Chicó e João Couto, este último director do Museu Nacional de Arte Antiga – e comissário-geral da exposição, conseguiu neste espaço de tempo reunir um conjunto de obras que, por sugestão de Albert Richardson, abrangiam a pintura, a escultura e as artes decorativas, produzidas cronologicamente entre o ano de 800 e 1800 e com as quais se pretendia “não se perder de vista a perspectiva europeia a que iam ser submetidas”. Às peças juntou-se um conjunto de fotografias de alguns exemplares representativos da história da arquitectura em Portugal, encomendadas a Mário Novais. Foram 650, transportadas por via marítima – o políptico de S. Vicente foi dividido por vários barcos – excepção feita à custódia de Belém que seguiu de avião, entre painéis de azulejos, tapeçarias, altares, objectos de ourivesaria e cerâmica



e até o coche da rainha Maria Francisca de Sabóia (c. 1670), que se organizaram por seis salas. Até ao seu encerramento, em 19 de Fevereiro de 1956, segundo os dados fornecidos pela Royal Academy, teve 111 296 visitantes, tendo sido vendidos ao todo 66 114 catálogos, dos quais 47 695 de texto e 18 419 de imagens. Em Janeiro o SNI encomendou ao cineasta António Lopes Ribeiro um filme a cores para documentar a montagem e aspectos da reacção dos visitantes, e em 1957 foi publicado um volume onde o comissário da exposição, Reinaldo dos Santos, contava a génese do evento e fazia uma espécie de balanço da sua realização. Qualquer destes documentos pode ser pesquisado no fundo documental da Biblioteca de Arte, encontrando-se o conjunto de fotografias que ilustram os aspectos gerais das salas da exposição, da autoria de Mário Novais, disponíveis para visualização na Internet, através do catálogo da BA em www.biblarte.gulbenkian.pt e no Flickr em <http://www.flickr.com/photos/biblarte/sets/72157608204969163/>. ■ Ana Barata



TÍTULO/ RESP *Portuguese Art, 800-1800*/ Royal Academy of Arts (Londres), ed. lit.; Richardson, Albert E., introd.

PUBLICAÇÃO London : Royal Academy of Arts, 1955-1956

DESCR. FÍSIC 61 p. : todo il. ; 24 cm

NOTAS *Obra publicada por ocasião da exposição patente na Royal Academy of Arts, Londres (Grã-Bretanha), de 29 de Out. de 1955 a 19 de Fev. de 1956; exposição comissariada por Reinaldo dos Santos. Catálogo de imagens da exposição*
OBRA(S) RELACIONADAS *Portuguese art, 800-1800 : winter exhibition, 1955-56 / preface A. E. Richardson. London: Royal Academy of Arts, 1955; Arte portuguesa em Londres / real. e texto de António Lopes Ribeiro. S.l.] : Georges Humphries, 1966; Exposição de arte portuguesa em Londres (800-1800) / Reynaldo dos Santos . Londres : Royal Academy of Arts, imp. 1957*
PROVENIÊNCIA *Colecção Reis Santos COTA(S) RS 10508*

NOVEMBRO | DEZEMBRO AGENDA

EXPOSIÇÕES

Horário de abertura das exposições, 10h às 18h
[encerram às segundas-feiras]

ABREM...

40 CARTAZES EM EXPOSIÇÃO, 1994-2008

6 DE NOVEMBRO

Michel François em colaboração com Richard Venlet
Centro de Arte Moderna, Galeria de Exposições Temporárias
Entrada livre

UMA OBRA EM FOCO AS 53 ESTAÇÕES DO TOKAIDO

25 DE NOVEMBRO

Galeria de exposição permanente do Museu
€4 (entrada no museu)

CONTINUAM...

WELTLITERATUR: MADRID, PARIS, BERLIM, SÃO PETERSBURGO, O MUNDO!

ATÉ 4 JANEIRO

Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian
€4

HORIZONTES

WALTERCIO CALDAS

ATÉ 11 JANEIRO

Centro de Arte Moderna, piso 0
Comissário: Jorge Molder
€4 (inclui entrada na exposição Apresentação da Coleção)

APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO DO CAM

ATÉ 11 JANEIRO

CAM, Piso 01 e 1
€4 (inclui entrada na exposição Horizontes)

7 ARTISTAS AO 10º MÊS

ATÉ 11 JANEIRO

Sede, Piso 01
Joana Bastos, Eduarda Silva, Sérgio Dias, Raquel Feliciano,
André Gonçalves, João Ferro Martins e
Jorge Maciel, sete novos artistas expõem as suas obras
numa mostra comissariada por Filipa Oliveira.

EVENTOS

Todos os eventos são de entrada livre.

EVENTOS NO ÂMBITO DA EXPOSIÇÃO HORIZONTES, DE WALTERCIO CALDAS

LANÇAMENTO DO LIVRO HORIZONTES E UMA CONVERSA ENTRE WALTERCIO CALDAS E ÂNGELO DE SOUSA

4 DE NOVEMBRO, TERÇA, 18H00

Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna

MINI CICLO DE VÍDEOS SOBRE ARTISTAS BRASILEIROS CONTEMPORÂNEOS

6 DE NOVEMBRO A 7 DE DEZEMBRO,
QUINTA E SEXTA, 14H00 ÀS 18H00
SÁBADO E DOMINGO, 13H00 ÀS 18H00

Sala das Tapeçarias do Centro de Arte Moderna

CONVERSAS SOBRE ARTE BRASILEIRA WALTERCIO CALDAS E A SUA GERAÇÃO

20 DE NOVEMBRO, QUINTA, 18H30

Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna
Paulo Venancio Filho

NEOCONCRETISMO

27 DE NOVEMBRO, QUINTA, 18H30

Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna
Paulo Herkenhoff

LYGIA CLARK E HÉLIO OITICICA

4 DE DEZEMBRO, QUINTA, 18H30

Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna
Guy Brett

CICLO DE CONFERÊNCIAS

DARWIN: NO CAMINHO DA EVOLUÇÃO

EVOLUÇÃO E DESENVOLVIMENTO:

VARIAÇÕES A DOIS TEMPOS E MUITAS CORES

5 DE NOVEMBRO, QUARTA, 18H00

Auditório 2

Patricia Beldade, Universidade de Leiden e Instituto
Gulbenkian de Ciência

EVOLUÇÃO E BIOGEOGRAFIA:

PORQUE HÁ TANTAS ESPÉCIES NA TERRA?

16 DE DEZEMBRO, TERÇA, 18H00

Auditório 2

Nuno Ferrand, Universidade do Porto

CICLO DE CONFERÊNCIAS

A ARTE FLAMENGA EM PORTUGAL

Conferência no âmbito da semana belga em Lisboa

15 DE NOVEMBRO, SÁBADO, 18H30

Salas 1

Maximiliano Marten, Universidade de Gent

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL

ENSINO DA MATEMÁTICA:

QUESTÕES E SOLUÇÕES

17 E 18 DE NOVEMBRO, SEGUNDA E TERÇA,

10H00 ÀS 18H00

O TEMPO DA VIDA

UMA SOCIEDADE MADURA

NUM MUNDO GLOBAL

24 E 25 DE NOVEMBRO, SEGUNDA E TERÇA

Auditório 2

SESSÃO DE ABERTURA

24 DE NOVEMBRO, 10H00

Emílio Rui Vilar, Presidente do Conselho de
Administração da Fundação Calouste Gulbenkian

ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO

IMPACTO ECONÓMICO E FINANCEIRO

24 DE NOVEMBRO, 10H15

David Wise, Department of Political Economy,
John F. Kennedy School of Government, USA

PRESIDENTE Luis Campos e Cunha, Faculdade de

Economia, Universidade Nova de Lisboa

COMENTADOR Jorge Simões, Secção Autónoma de Ciências
da Saúde, Universidade de Aveiro

ENVELHECIMENTO E TRABALHO

24 DE NOVEMBRO, 11H45

Axel Börsch-Supan, Mannheim Research Institute for the
Economics of Ageing, Universität Mannheim, Germany

PRESIDENTE Manuel Villaverde Cabral, Instituto de
Ciências Sociais, Universidade de Lisboa

COMENTADOR Luis Pais Antunes, Instituto de Estudos
Estratégicos e Internacionais

O ENVELHECIMENTO E A CIDADE

24 DE NOVEMBRO, 14H30

Alex Kalache, The New York Academy of Medicine, USA

PRESIDENTE Fernando Ferreira Santo, Bastonário da
Ordem dos Engenheiros

COMENTADOR Manuel Salgado, Departamento de
Urbanismo e Planeamento Estratégico, Câmara Municipal
de Lisboa

FAMÍLIA E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

24 DE NOVEMBRO, 16H15

Andreas Hoff, Oxford Institute of Ageing,
University of Oxford, UK

PRESIDENTE Martin Essayan, Administrador da Fundação
Calouste Gulbenkian

COMENTADOR Sarah Harper, Oxford Institute of Ageing,
University of Oxford, UK

EDUCAÇÃO E APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA

25 DE NOVEMBRO, 10H00

George Leeson, Oxford Institute of Ageing, University
of Oxford, UK

PRESIDENTE David Justino, Faculdade de Ciências Sociais
e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

COMENTADOR Carlos Reis, Universidade Aberta

DIGNIDADE NA VELHICE

25 DE NOVEMBRO, 11H45

Margaret Pabst Battin, Department of Philosophy,
University of Utah, USA

PRESIDENTE Isabel Mota, Administradora da Fundação
Calouste Gulbenkian

COMENTADOR João Lobo Antunes, Comissário do Fórum
Gulbenkian de Saúde

FESTA DOS LIVROS 2008

27 DE NOVEMBRO A 23 DE DEZEMBRO, 10H00 ÀS 20H00

Loja do Museu

Aqui se podem encontrar todas as publicações editadas
pela Fundação, a preços reduzidos. De par com os livros,
há também objectos com a marca da Fundação e outras
sugestões para a época natalícia.

PROJECT BELONGING

28 DE NOVEMBRO, SEXTA, 21H00

Exibição de várias curtas-metragens realizadas por jovens
do Casal da Boba. Amadora na sequência do workshop
de cinema que decorreu em Setembro de 2008
Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna

XVIII ENCONTRO DE LITERATURA PARA CRIANÇAS

PALAVRAS DE TRAPAS: AS LÍNGUAS

QUE OS LIVROS FALAM

15 E 16 DE DEZEMBRO, SEGUNDA E TERÇA

Rita Tabor da Duarte, Comissária

CELEBRAÇÃO DO DIA INTERNACIONAL DOS MIGRANTES

INICIATIVA PLATAFORMA IMIGRAÇÃO EM ARTICULAÇÃO COM O ALTO-COMISSARIADO

PARA A IMIGRAÇÃO E O DIÁLOGO

INTERCULTURAL

18 DE DEZEMBRO, QUINTA, 10H00 ÀS 19H00

Auditório 2

MÚSICA

ORQUESTRA GULBENKIAN CONCERTOS PARA A FAMÍLIA

1 DE NOVEMBRO, SÁBADO, 16H00

Grande Auditório

Alexandre Delgado, COMENTADOR | Joana Carneiro, MAESTRO
Piotr Ilitch Tchaikovsky

CICLO GRANDES ORQUESTRAS MUNDIAIS ORQUESTRA SINFÓNICA DA BBC

2 DE NOVEMBRO, DOMINGO, 21H00

Coliseu dos Recreios

Jiri Belohlavek, MAESTRO | Christine Brewer, SOPRANO
Richard Wagner, Anton Bruckner

CICLO DE MÚSICA DE CÂMARA

4 DE NOVEMBRO, TERÇA, 19H00

Grande Auditório

Daniel Müller-Schott, VIOLONCELO | Angela Hewitt, PIANO
Johann Sebastian Bach, Ludwig van Beethoven,
Robert Schumann

ORQUESTRA GULBENKIAN

6 NOVEMBRO, QUINTA, 21H00

7 NOVEMBRO, SEXTA, 19H00

Grande Auditório

Simone Young, MAESTRO | Miah Persson, SOPRANO
No Centenário do Nascimento de Olivier Messiaen I
Olivier Messiaen, Gustav Mahler

CICLO DE PIANO

8 NOVEMBRO, SÁBADO, 19H00

Grande Auditório

Evgeny Kissin, PIANO
Sergei Prokofiev, Fryderyk Chopin

VANGUARDAS | NOVAS VANGUARDAS

REMIX ENSEMBLE

9 NOVEMBRO, DOMINGO, 19H00

Grande Auditório

Emilio Pomàrico, DIRECÇÃO
Ciclo Magnus Lindberg IV | Duplo Retrato: Donatoni / Lindberg
Magnus Lindberg, Franco Donatoni

CICLO DE CANTO

10 NOVEMBRO, SEGUNDA, 19H00

Grande Auditório

Ildar Abdrazakov, BAIXO-BARÍTONO | Mzia Bachtouridze, PIANO
Piotr Ilitch Tchaikovsky, Sergei Rachmaninov,
Modest Mussorgsky

ORQUESTRA GULBENKIAN

13 NOVEMBRO, QUINTA, 21H00

14 NOVEMBRO, SEXTA, 19H00

Grande Auditório

Lawrence Foster, MAESTRO | Julia Fischer, VIOLINO
Antonin Dvořák, Josef Suk, Béla Bartók

CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN

21 NOVEMBRO, SEXTA, 19H00

23 NOVEMBRO, DOMINGO, 21H00

Grande Auditório

Bertrand de Billy, MAESTRO | Sally Matthews, SOPRANO
Heidi Brunner, MEIO-SOPRANO | Yann Beuron, TENOR
Ante Jerkunica, BAIXO
Ludwig van Beethoven

CICLO DE PIANO

24 NOVEMBRO, SEGUNDA, 19H00

Grande Auditório

Christian Zacharias, PIANO
Joseph Haydn, Robert Schumann, Claude Debussy,
Joseph Haydn

ORQUESTRA GULBENKIAN

27 NOVEMBRO, QUINTA, 21H00

28 NOVEMBRO, SEXTA, 19H00

Grande Auditório

Lawrence Foster, MAESTRO | Janine Jansen, VIOLINO
Wolfgang Amadeus Mozart, Georges Bizet,
Piotr Ilitch Tchaikovsky

CICLO DE PIANO

30 NOVEMBRO, DOMINGO, 19H00

Grande Auditório

Alfred Brendel, PIANO
Joseph Haydn, Wolfgang Amadeus Mozart,
Ludwig van Beethoven, Franz Schubert

CICLO MÚSICA DE CÂMARA

1 DEZEMBRO, SEGUNDA, 19H00

Grande Auditório

Steven Osborne, PIANO | Viviane Hagner, VIOLINO
Alban Gerhardt, VIOLONCELO | Kari Kriikku, CLARINETE
No Centenário do Nascimento de Olivier Messiaen
Maurice Ravel, Olivier Messiaen

ORQUESTRA GULBENKIAN

4 DEZEMBRO, QUINTA 21H00

5 DEZEMBRO, SEXTA, 19H00

Grande Auditório

Lawrence Foster, MAESTRO | Zoltán Kocsis, PIANO
Rui Lopes Graça, COREÓGRAFO | Ana Lacerda, BAILARINA (*)
Fernando Luis, NARRADOR
(*) com a colaboração da Companhia Nacional de Bailado
Esa-Pekka Salonen, Béla Bartók, Igor Stravinsky

CONCERTOS COMENTADOS PARA JOVENS

ORQUESTRA GULBENKIAN

CONCERTOS PARA A FAMÍLIA

5 DEZEMBRO, SEXTA, 11H00

6 DEZEMBRO, SÁBADO, 16H00

Grande Auditório

Catarina Molder, Comentadora
Igor Stravinsky, *L'Histoire du soldat (versão integral)*

CICLO DE MÚSICA DE CÂMARA

TRIO JEAN PAUL

9 DEZEMBRO, TERÇA, 19H00

Grande Auditório

Eckart Heiligers, PIANO | Martin Lohr, VIOLONCELO
Ulf Schneider, VIOLINO
Joseph Haydn, Johannes Brahms, Ernest Chausson

ORQUESTRA GULBENKIAN

ZOLTÁN KOCSIS

11 DEZEMBRO, QUINTA, 21H00

12 DEZEMBRO, SEXTA, 19H00

Grande Auditório

Franz Liszt, Wolfgang Amadeus Mozart, Béla Bartók,
Zoltán Kodály

CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN

18 E 19 DEZEMBRO, QUINTA E SEXTA, 19H00

Grande Auditório

Michel Corboz, MAESTRO | Letizia Scherrer, SOPRANO
Dagmar Peckova, MEIO-SOPRANO
John Mark Ainsley, TENOR | Victor Torres, BAIXO
Felix Mendelssohn-Bartholdy, Elias, op. 70

CURSOS

DESCOBRIR...

... O MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

HISTÓRIAS DO JAZZ II:

O JAZZ MODERNO: MILES DAVIS

5, 6, 12 E 13 NOVEMBRO, QUARTA E QUINTA,
18H30 ÀS 20H30

Sala 1

Orientação: Pedro Moreira | (4 sessões de 2 horas) | €40

ACÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO ÀS COLECÇÕES DO MUSEU

PARA GUIAS, TRADUTORES, INTÉRPRETES
E ALUNOS DE CURSOS SUPERIORES DE TURISMO
ARTE ORIENTAL (1ª E 2ª PARTES)

19 E 21 NOVEMBRO, QUARTA E SEXTA, 10H30 ÀS 12H00

10 E 12 DEZEMBRO, QUARTA E SEXTA, 10H30 ÀS

12H00

ARTE EUROPEIA (1ª E 2ª PARTES)

26 E 28 NOVEMBRO, QUARTA E SEXTA, 10H30 ÀS 12H00

17 E 19 DEZEMBRO, QUARTA E SEXTA, 10H30 ÀS 12H00

Orientação: Isabel Oliveira e Silva

Marcação até 8 dias antes da data prevista

Nº de participantes: máximo 15

Contacto: isilva@gulbenkian.pt | Entrada livre

A VIBRAÇÃO DO SOM

20 E 21, 27 E 28 NOVEMBRO, QUINTA E SEXTA,
18H30 ÀS 20H30

Sala 3

Orientação: Inês Soares | (2 sessões de 2 horas) | €45

VISITAS TEMÁTICAS

Não é necessária marcação prévia, excepto onde assinalado.

DESCOBRIR...

... O MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

VERSALHES E A VIDA NOS PALÁCIOS

4 NOVEMBRO, TERÇA, 15H00

Sujeito a marcação prévia até 8 dias antes

(ver informações... para os mais novos)

€4 (entrada no museu)

UMA OBRA DE ARTE À HORA DE ALMOÇO

APOLO DE HOUDON

5 NOVEMBRO, QUARTA, 13H30 ÀS 14H00

€4 (entrada no museu)

DO ROMANTISMO AO IMPRESSIONISMO

30 NOVEMBRO, DOMINGO, 11H00

Sujeito a marcação prévia (Ver informações) | €5

PERCURSOS TEMÁTICOS

REVISITAR A NATUREZA: RENÉ LALIQUE

2 DEZEMBRO, TERÇA 15H00 ÀS 16H00 | €5

UMA OBRA À HORA DE ALMOÇO

MOEDA GREGA, SÉC. V A.C., SIRACUSA

3 DEZEMBRO, QUARTA, 13H30 ÀS 14H00 | €5

... O CENTRO DE ARTE MODERNA

VISITA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

7 ARTISTAS AO 10º MÊS

2 NOVEMBRO E 14 DEZEMBRO, DOMINGO, 12H00

Entrada livre

UMA OBRA À HORA DE ALMOÇO

NA COLECÇÃO DO CAM

OLHOS D'ÁGUA DE WALTERCIO CALDAS

EXPOSIÇÃO

7 NOVEMBRO, SEXTA, 13H15 ÀS 13H30

IN THE CAFÉ DE LOURDES CASTRO

COLECÇÃO DO CAM

21 NOVEMBRO, SEXTA, 13H15 ÀS 13H30

UMA FLORESTA PARA OS TEUS SONHOS

DE ALBERTO CARNEIRO

5 DEZEMBRO, SEXTA, 13H15 ÀS 13H30

LA PETITE DE EDUARDO VIANA

COLECÇÃO DO CAM

19 DEZEMBRO, SEXTA, 13H15 ÀS 13H30

Entrada livre

VISITA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

HORIZONTES, DE WALTERCIO CALDAS

9 NOVEMBRO E 7 DEZEMBRO, DOMINGO, 12H00

HISTÓRIAS IRREQUIETAS PARA PAIS E MÃES

OFICINA PARA PAIS CRIATIVOS

IDEIAS PARA DIAS DE CHUVA

15 NOVEMBRO E 6 DEZEMBRO, SÁBADO,

15H00 ÀS 18H00

€7,5

VISITA À EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA

MICHEL FRANÇOIS

16 NOVEMBRO, DOMINGO, 12H00

Entrada livre

VISITA À COLECÇÃO DO CAM

ISTO É ARTE? CEM ANOS DE ARTE

23 NOVEMBRO, DOMINGO, 12H00

E A PARTIR DOS ANOS 60? ARTE POP,

NOVA FIGURAÇÃO E MINIMALISMO

30 NOVEMBRO, DOMINGO, 12H00

ARTES E LETRAS NO MODERNISMO

PORTUGUÊS: QUANDO A LITERATURA

E AS ARTES VISUAIS SE CRUZAM

E ENTRECruzAM

21 DEZEMBRO, DOMINGO, 12H00

Entrada livre

PARA OS MAIS NOVOS

Todos os eventos requerem marcação prévia. A partir de agora todas as marcações são feitas através de um único número e endereço electrónico. **Informações e reservas**
Para todas as actividades educativas (mais novos e adultos) Segunda a Quinta, 10h30 às 12h30 e 15h00 às 17h00
Tel: 21 782 38 00 / Fax: 21 782 30 14
email: pgec@gulbenkian.pt

DESCOBRIR... PROGRAMA GULBENKIAN EDUCAÇÃO PARA A CULTURA

... O MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

PELOS CAMINHOS DO MUSEU
4 AOS 5 ANOS | 6 AOS 9 ANOS | 10 AOS 12 ANOS
€7,5

DESERTOS, TENDAS E TAPETES
2 NOVEMBRO, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

COMO NASCE UMA ESCULTURA
8 NOVEMBRO, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

**GRÉCIA CLÁSSICA:
ROUPAS, ACESSÓRIOS, MAQUILHAGEM
TUDO REVELA UMA CULTURA**
9 NOVEMBRO, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

LENDAS DO OUTONO NO MUSEU
15 NOVEMBRO, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

AS LUZES ANTIGAS
16 NOVEMBRO, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

AMBIENTE E AMBIENTES
22 NOVEMBRO, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

O MUNDO DE LA FONTAINE
23 NOVEMBRO, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

HISTÓRIAS DE NATAL
6 DEZEMBRO, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

CAIXAS E SURPRESAS
7 DEZEMBRO, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

**CRIANÇAS COMO NÓS:
NO ORIENTE ISLÂMICO**
13 DEZEMBRO, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

**VIAGENS AO ORIENTE:
PORCELANAS, NAUS E CHÁ**
14 DEZEMBRO, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

**MUSEU EM FAMÍLIA
RETRATO E AUTO-RETRATO**
29 NOVEMBRO, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30
4 AOS 5 ANOS | 6 AOS 9 ANOS | 10 AOS 12 ANOS
€7,5 [criança e um adulto]
€3 [cada criança adicional por família]

**NATAL NO MUSEU
HISTÓRIAS QUE ATRAVESAM
TEMPOS E CULTURAS**
22 E 23, 29 E 30 DEZEMBRO, SEGUNDA E TERÇA
4 AOS 12 ANOS
€35 [módulos de dois dias]

... O CENTRO DE ARTE MODERNA

**QUANDO A MAMÃ FICOU COM CARA
DE CHALEIRA**
2 A 16 NOVEMBRO, DOMINGO,
10H00 ÀS 11H00 E 11H30 ÀS 12H30
2 AOS 4 ANOS + ADULTO
Oficina de Contos | €7,5 [criança e um adulto]

OBJECTOS PARA DESENHAR NO VAZIO
8 E 29 NOVEMBRO E 13 DEZEMBRO, SÁBADO,
15H30 ÀS 17H30
6 AOS 10 ANOS
9 E 30 NOVEMBRO E 14 DEZEMBRO, DOMINGO,
10H30 ÀS 12H30
4 AOS 6 ANOS + ADULTO
Oficina | €7,5 [criança e um adulto]

**IDEIAS IRREQUIETAS
OHI!**
7 E 21 DEZEMBRO, DOMINGO,
10H00 ÀS 11H00 E 11H30 ÀS 12H30
2 AOS 4 ANOS + ADULTO
15H30 ÀS 16H30
5 AOS 8 ANOS
Oficina de Contos | €7,5 [criança e um adulto]

**ESPECIAL FÉRIAS DE NATAL
ANIMAIS FANTÁSTICOS!**
22 E 23 DEZEMBRO, SEGUNDA E TERÇA,
10H00 ÀS 13H00 E 14H30 ÀS 17H30
4 AOS 6 ANOS | 7 AOS 11 ANOS
€20 [módulos de dois dias]

**ESPECIAL FÉRIAS DE NATAL
CORPOS TRANSPARENTES PARA OLHOS
EXIGENTES**
22 E 23 DEZEMBRO, SEGUNDA E TERÇA,
10H00 ÀS 13H00 E 14H30 ÀS 17H30
4 AOS 6 ANOS | 7 AOS 11 ANOS
€20 [módulos de dois dias]

**ESPECIAL FÉRIAS DE NATAL
ABERTO PARA OBRAS:
ATENÇÃO ZONA DE CONSTRUÇÃO!**
29 E 30 DEZEMBRO, SEGUNDA E TERÇA,
10H00 ÀS 13H00 E 14H30 ÀS 17H30
4 AOS 6 ANOS | 7 AOS 11 ANOS
€20 [módulos de dois dias]

**ESPECIAL FÉRIAS DE NATAL
GUARDA-CHUVAS VOADORES
PARA PEQUENOS CRIADORES**
29 E 30 DEZEMBRO, SEGUNDA E TERÇA,
10H00 ÀS 13H00 E 14H30 ÀS 17H30
4 AOS 6 ANOS | 7 AOS 11 ANOS
€20 [módulos de dois dias]

... A MÚSICA

DANÇAS DIABÓLICAS
1 NOVEMBRO, SÁBADO, 10H00 ÀS 12H00
Recepção da sede
6 AOS 9 ANOS | 10 AOS 12 ANOS | 13 AOS 17 ANOS
Oficina de Dança | €7,5

**OPERAÇÃO BARROCO
CÓDIGOS E SINAIS PARA DANÇAR**
4 A 7 E 10 A 14 NOVEMBRO, SEGUNDA A SEXTA,
14H00 ÀS 16H00
5, 8 E 15 NOVEMBRO, QUARTA E SÁBADO,
10H00 ÀS 12H00
Recepção da sede
6 AOS 9 ANOS | 10 AOS 12 ANOS | 13 AOS 17 ANOS
Oficina de Dança | €4 [escola] €7,5 [particulares]

AVES DO PARAÍSO
18 A 22 NOVEMBRO, TERÇA A SÁBADO,
10H00 ÀS 12H00 E 14H00 ÀS 16H00
24 E 25 NOVEMBRO, SEGUNDA E TERÇA,
10H00 ÀS 12H00
Recepção da sede
3 AOS 5 ANOS | 6 AOS 9 ANOS
Oficina de Artes-Plásticas e Video-Arte
€4 [escola] €7,5 [particulares]

**OS MEUS PRIMEIROS SONS
EXPLORAÇÃO DA VOZ E DAS PRIMEIRAS
FORMAS DE PRODUÇÃO SONORA**
29 NOVEMBRO E 6 DEZEMBRO, SÁBADO,
10H00 ÀS 11H00 E 11H00 ÀS 12H00
15H00 ÀS 16H00 E 16H00 ÀS 17H00
Recepção da sede
0 AOS 3 ANOS
Visita | €4 [escola] €7,5 [particulares]

**A HISTÓRIA DO SOLDADO
[VERSÃO INTEGRAL] IGOR STRAVINSKY**
6 DEZEMBRO, SÁBADO, 16H00 ÀS 17H00
Grande Auditório
M/6 ANOS
Concerto | €5

HEROÍNAS MORTÍFERAS
6 E 13 DEZEMBRO, SÁBADO, 10H00
Sede da Fundação Calouste Gulbenkian
13 AOS 15 ANOS
Oficina de Expressão Dramática | €7,5

**BABAR, O ELEFANTE E
A MINHA MÃE GANSO
[VERSÃO INTEGRAL]
IGOR STRAVINSKY**
13 DEZEMBRO, SÁBADO, 16H00 ÀS 17H00
14 DEZEMBRO, DOMINGO,
11H00 ÀS 12H00 E 16H00 ÀS 17H00
Auditório 2
M/6 ANOS
Concerto Semi-Encenado | €7,5

... OS JARDINS GULBENKIAN

**OS JARDINS QUE O JARDIM CONTEM
PERNAS PARA QUE TE QUERO!**
1 NOVEMBRO, SÁBADO, 15H00 ÀS 17H00
Recepção da sede
4 AOS 10 ANOS
Oficina | €7,5 [criança e um adulto]
€3 [cada criança adicional por família]

**OS JARDINS QUE O JARDIM CONTEM
COLMEIA DO PRADO**
8 NOVEMBRO, SÁBADO, 15H00 ÀS 17H00
Recepção da sede
4 AOS 10 ANOS
Oficina | €7,5 [criança e um adulto]
€3 [cada criança adicional por família]

**OS JARDINS QUE O JARDIM CONTEM
ONDE VAIS VENTO?**
15 NOVEMBRO, SÁBADO, 15H00 ÀS 17H00
Recepção da sede
4 AOS 10 ANOS
Oficina | €7,5 [criança e um adulto]
€3 [cada criança adicional por família]

**OS JARDINS QUE O JARDIM CONTEM
TARTARUGAS DO JARDIM**
22 NOVEMBRO, SÁBADO, 15H00 ÀS 17H00
Recepção da sede
4 AOS 10 ANOS
Oficina | €7,5 [criança e um adulto]
€3 [cada criança adicional por família]

**OS JARDINS QUE O JARDIM CONTEM
GUARDADORES DE SONS**
29 NOVEMBRO, SÁBADO, 15H00 ÀS 17H00
Recepção da sede
4 AOS 10 ANOS
Oficina | €7,5 [criança e um adulto]
€3 [cada criança adicional por família]

EXPERIÊNCIAS NO PARAÍSO
Malas de actividades com jogos, histórias e materiais para experimentar o jardim, seguindo diferentes mapas/percursos (sem orientador). As malas são utilizadas pelas famílias e são requisitadas na livraria da Sede da Fundação | €5 [máx. de 3 horas]

O MAPA É O FIO CONDUTOR
Ele é visualmente apelativo, indica o percurso e as paragens. É interativo funcionando como tabuleiro de jogo, com casas. As casas dão ordens (realizar um jogo, uma actividade de desenho, fotografar) e dão informações (nomes de árvores, flores ou frutos; histórias do jardim, curiosidades científicas). O jogo permite avançar sempre no percurso, embora cada jogador vá acumulando pontos, conforme o número de tarefas cumpridas. Há 3 malas com três jogos diferentes.



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

FESTA DOS LIVROS GULBENKIAN

NA LOJA DO MUSEU

27 NOV - 23 DEZ 2008

Todos os dias das 10:00 às 20:00

